

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia

Júlia de Freitas Sampaio
Recortes de percepções femininas sobre objetos icônicos de feminilidade

Porto Alegre
2017

Júlia de Freitas Sampaio

Recortes de percepções femininas sobre objetos icônicos de feminilidade

Monografia submetida ao departamento de sociologia para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientador: Professor Enio Passiani.

Porto Alegre
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Graduação em Ciências Sociais

A banca examinadora resolve atribuir o conceito_____ à aluna Júlia de Feitas Sampaio na atividade de ensino de Trabalho de Conclusão de Curso em Sociologia pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Professor Doutor Caleb Faria Alves

Professor Doutor Enio Passiani

Professora Doutora Janaína Campos Lobo

AGREDECIMENTOS

Agradeço a todas e todos que me incentivaram e me apoiaram neste caminho, em especial ao Celso, meu professor do ensino médio, que me inspirou a pensar e questionar a sociedade; e à minha irmã, que me obrigou a me manter fiel aos meus ideais.

RESUMO

A feminilidade é socialmente construída e o uso de objetos é parte da performance do gênero, contudo, a forma como as mulheres se relacionam com estes é diversa devido aos seus diferentes marcadores. Mulheres negras e/ou transexuais têm um recorte diferente do das mulheres brancas cisgênero, por consequência, suas relações e entendimentos desses objetos e seus significados são também diferentes. O presente trabalho faz uma revisão bibliográfica de alguns conceitos sobre feminismos e identidade, uma breve apresentação dos dados sobre a realidade e marginalização destas mulheres (como taxas de homicídio, estupro e exclusão social) bem como entrevistas. Os depoimentos recolhidos foram feitos a partir de entrevistas semi-estruturadas com duas mulheres brancas cisgênero, duas brancas transexuais, duas negras cisgênero e uma negra transexual. Como resultado foi encontrado uma grande discrepância nos dados das realidades dos grupos e as entrevistas mostraram formas diferentes de se perceber os objetos de feminilidade.

Palavras-chave: Indústria Cultural, Feminismo, Feminilidade, Transexualidade, Negritude, Cultura Material.

Lista de figuras

Figura 1: propaganda da Skol no vestiário.....	página 17
Figura 2: propaganda da Skol no bebedouro.....	página 18
Figura 3: quadrinho da Sasha, a leoa de juba, no trabalho.....	página 37
Figura 4: quadrinho de Sasha, a leoa de juba, criticando o privilégio cis.....	página 39
Figura 5: propaganda da <i>Devassa</i>	página 47
Figura 6: resultados do Google.....	página 63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	página 9
2 MULHERES BRANCAS CISGÊNERO.....	página 15
2.1 O que é mulher e o que é cisgênero?.....	página 15
2.2 Objetos, cultura e indústria cultural	página 19
2.3 entrevistas.....	página 24
2.3.1 entrevista com Alice (nome fictício).....	página 24
2.3.2 entrevista com Ana Flor (nome fictício).....	página 27
2.3.3 considerações sobre as entrevistas.....	página 28
3 MULHERES BRANCAS TRANSEXUAIS.....	página 31
3.1 Entrevistas.....	página 39
3.1.1 Nina (nome fictício).....	página 40
3.1.2 entrevista com Tânia (nome fictício).....	página 41
3.2 Considerações sobre as entrevistas.....	página 44
4 MULHERES NEGRAS CISGENERO.....	página 44
4.1 Ser mulher e negra no Brasil.....	página 45
4.2 A mulher negra na indústria cultural: invisibilidade e violência.....	página 46
4.3 Entrevistas.....	página 53
4.3.1 Entrevista com Cândida (nome fictício).....	página 53
4.3.2 Entrevista com Alana (nome fictício).....	página 54
4.4 Considerações sobre as entrevistas.....	página 55
5.1 MULHERES NEGRAS TRANSEXUAIS.....	página 57
5.1 Entrevista.....	página 60
5.2 Considerações.....	página 60
6 Conclusão.....	página 61
7 Bibliografia.....	página 67

1 INTRODUÇÃO

Nossa cultura predominante consagrou alguns itens do vestuário como sendo femininos e, em nossa sociedade machista, um objeto ser considerado feminino significa ser exclusivamente feminino, pois a associação a este gênero é vista de forma negativa, por ser considerado uma categoria subalterna, dentro do senso comum e da cultura dominante. Há uma definição bastante clara do que é de qual gênero e existem parâmetros pré-estabelecidos e bem delimitados. Cada um tem o seu papel, suas roupas, suas formas de agir, de sentar, de falar. Mulheres cisgêneras (que aceitam o gênero designado ao nascer) são apresentadas ao mundo como mulheres e têm imposto desde sempre os signos de feminilidade já consagrados em nossa cultura. Não nos cabe escolher o rosa, a boneca, o vestido. Eles são nosso destino. Mais tarde somos ensinadas a nos maquiar (mesmo que não queiramos), a andarmos de salto alto (mesmo que doa), a usarmos sutiã (mesmo que coce). Somos empurradas para esse mundo cheio de regras e rituais que nós nunca escolhemos e que são tantas vezes desconfortáveis, incômodos e opressores. Há, claro, uma resistência. Sempre houve. As vezes ela mora no detalhe: no não uso de brincos, no não uso de salto alto. Outras vezes ela já é mais evidente: a não depilação, o não uso de sutiã. Uma predominante parcela da indústria cultural nos torna o mais artificiais possíveis, assim consumimos e nos permitimos ser controladas. Esta estética padronizante imposta é um poderoso sedativo político.

Existem diversos rituais e construções sociais que tem por objetivo manter esse sistema da forma como está e regular os corpos para que continuem obedecendo aos padrões impostos. O feminino é o gênero frágil e débil, que precisa ser controlado: o feminino não pode ser deixado sem cuidado; deve ser depilado, maquiado, vestido apropriadamente. Deve ter suas maneiras controladas e docilizadas. O feminino é ritualizado e mistificado e sua performance envolve a compra e o uso extenuante de diversos artigos. Notícias como “Kate Bosworth (atriz) é vista sem maquiagem em público!”¹ ou “Atriz Monique Alfradique mostra celulite na

¹ Consultado dia 12/11/2016, acesso em <http://br.eonline.com/enews/kate-bosworthevista-sem-maquiagem-em-pablico/>.

praia da Barra da Tijuca”² são comuns em nosso cotidiano e nos mostram o quão chocante é o rosto e o corpo feminino natural para nossa sociedade atual.

A Indústria cultural tem um forte papel na reprodução e reforço desses estereótipos de beleza e de comportamento. Ela se beneficia da venda de objetos e produtos que são utilizados para padronizar os corpos que naturalmente seriam diversos e desiguais. As noções estéticas hegemônicas erotizam alguns poucos corpos como belos e ideais e marginalizam os outros todos, tornando-os abjetos e excluídos. Beleza vende. Beleza nunca vendeu tanto. Mas não qualquer beleza. E este padrão limitado e limitante não existe sem interferência humana, consumo e esforço nos seres humanos. Esse padrão é feito para um grupo seletivo e específico (com classe e etnia bem definidos) e que é produzido artificialmente por produtos padronizantes, por objetos que nos ensinam nosso lugar na sociedade. Nós, mulheres, somos ensinadas que devemos ser magras, bonitas, graciosas. Que devemos enfeitar o mundo, mas também devemos trabalhar, cuidar das crianças, casar, cuidar do marido, ter a casa arrumada, sermos educadas, submissas, boas cozinheiras. E, claro, sempre com as unhas feitas, o cabelo arrumado, a maquiagem impecável e em cima do salto alto. Devemos ser “bela, recatada e do lar”, como a revista *Veja* bem sintetizou neste ano de 2016 em uma matéria sobre Marcela Temer. Os padrões que nos são impostos são impossíveis de serem atingidos, mas a mídia nos diz que “se nos esforçarmos um pouquinho podemos ser perfeitas também”, basta que compremos este ou aquele produto e também seremos assim. Mas talvez ainda mais cruel que essas exigências absurdas e irreais, é que só seremos isso tudo, se formos brancas. Se formos cisgêneras. A mulher bela, recatada e do lar não é qualquer mulher. Ela não é a mulher trans. Ela não é a mulher negra.

A indústria cultural é controladora, frequentemente machista e opressiva com as mulheres. E existe uma extensa literatura a respeito, contudo, quando falamos de mulheres, quem são elas? Esta literatura está de fato retratando todas as mulheres ou apenas uma pequena parcela dela? E, será que ao tratarmos de mulheres de uma forma geral e não especificarmos que se trata de um pequeno substrato, não

² Consultado da 12/11/2016 acesso em <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/6050-famosas-com-celulites>.

estamos causando uma grande invisibilização daquelas que não se encaixam? Não quero aqui desmerecer o sofrimento e a opressão sofrida por nenhuma dessas mulheres, mas quando falamos do machismo e da opressão causadas pelo salto, maquiagem, magreza. Costumamos falar do machismo que as mulheres brancas e cisgênero sofrem. Mas aquelas cuja identidade é vista como subalterna, são oprimidas de forma mais complexa e profunda. A mulher perfeita, a mulher das capas de revista, as atrizes que estampam comerciais. São (quase) todas brancas. E são todas cis. A mulher bela recatada e do lar é necessariamente branca e cis. A mulher negra e a mulher trans não existem. Não em um posição onde é para ser vista pelo menos. Os comerciais, a literatura, o cinema, as novelas... todos propagam estereótipos de gênero, mas, mais do que isso, todos propagam a invisibilidade das mulheres negras e trans. E estas mulheres são mais oprimidas a cada marcador que é adicionado. Quando falamos em mulher, pensamos em mulher branca e cis. Só se pensa em negra, em trans quando se especifica, quando se marca; caso contrário pensamos direto nas categorias dominantes. Nossa própria forma de falar deixa implícito ser branca ou cis e exige uma marcação para quando se é negra e/ou trans, reforça a ideia de invisibilidade e de hierarquia entre os grupos.

Em um país onde 53,6% da população é negra (dado do IBGE de 2015³), quantas dessas mulheres dessa etnia vemos presente na mídia? E qual os efeitos disso na forma como essas pessoas entendem a si mesmas? Como isso afeta seu entendimento com o feminino e seus símbolos?

Procurei também dados sobre o percentual de pessoas trans no Brasil, contudo, não encontrei e acredito que não haja um levantamento.

O salto alto que me foi imposto por ser mulher cis foi negado para mulher trans, uma vez que ela estava sendo socializada como homem. A maquiagem que me foi imposta desde cedo existe apenas (ou quase apenas) em tonalidades para peles brancas. Nunca tentaram esconder a minha cor, nunca tentaram esconder meus traços “por não serem femininos”, por não serem “delicados”, nunca me senti invisível enquanto mulher (apenas por ser mulher). Objetos como salto alto e batom não são entendidos de forma universal para mulheres, uma vez que nós não

³ Retirado do jornal *El País*. Consultado dia 10/11 acesso em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html.

existimos socialmente de forma igual. A relação que temos com estes ícones é complexa e a opressão que eles causam é bastante diversa e está diretamente ligada aos rótulos que nos são postos e às formas como somos lidas.

Becker, no livro *Outsiders* (1997), escreve sobre as relações entre grupos. Existe o grupo dominante, mas existem também, os marginais com seus próprios códigos éticos e ideais morais. Embora a ideologia dominante tenha reflexos na conduta desses *outsiders*, ela não é o que prevalece, mesmo que eles sejam muitas vezes vistos como desviantes pela sociedade. A partir dessa ideia podemos entender algumas das relações com objetos como o salto alto serem diferentes. As mulheres transexuais aparecem aqui como um grupo marginal e desviante. Seu comportamento não é o comportamento padrão da sociedade, e dentro deste grupo existem suas próprias condutas. Mesmo que influenciadas pela norma geral, existe dentro da comunidade padrões próprios e as formas de ler e ser lida são diferentes.

Spivak, em um texto cujo nome é *Can the subaltern speak*. Este título traz um dúvida interpretativa com o “can”. A frase pode ser interpretada tanto como sendo uma pergunta sobre a permissão de fala dos subalternos, quanto sobre sua capacidade. O sujeito subalterno na definição de Spivak é aquele que pertencente: “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”(Spivak, 1985, p. 12). A autora aborda ainda a questão da violência epistêmica, cuja tática de neutralização do Outro (o colonizado, o subalterno), expropriando-o de qualquer possibilidade de representação, silenciando-o, relegando-o à uma posição secundária. Essa violência é bem perceptível nas questões acima abordadas sobre representação na mídia. As mulheres que não fazem parte do padrão hegemônico, as negras, as trans, elas têm direito também a se apropriar destes signos de feminilidade? De serem parte do debate sobre a opressão que eles causam ou a importância que eles têm? Por que quase todos os textos que abordam o assunto ignoram a existência dessas mulheres?

Meu objetivo com este trabalho é tentar ouvir o que essas mulheres que foram e são excluídas têm a dizer sobre o tema. Quero saber como elas se sentem sobre o assunto e o que pensam sobre estes objetos. Quero tentar, de alguma forma, trazer suas histórias e pontos de vista, mesmo que tenha que ser de forma um tanto

quanto breve e sintética, uma vez que se trata de um trabalho de conclusão de curso. Para tanto realizei entrevistas semi-estruturadas com oito mulheres, sendo: duas brancas cis, duas brancas trans, duas negras cis e duas negras trans. Meu foco é tratar sobre mulheres negras (tanto cis quanto trans) e mulheres trans (tanto negras quanto brancas), mas resolvi incluir mulheres brancas cis para fins de comparação e de referência além da literatura.

As entrevistas foram acerca de três objetos: o batom, o salto alto e a base. O batom e o salto alto foram escolhidos por serem símbolos consagrados como femininos (e estritamente femininos) em nossa sociedade ocidental atual. Mulheres cis costumam ser apresentadas a esses objetos em suas infâncias ou adolescências por figuras femininas mais experientes (como mães, tias, amigas e avós), mas como há uma proibição para aqueles que são designados como homens ao nascer, o mesmo não ocorre com mulheres trans. Há aí também uma questão de performance de gênero que é profundamente associada aos objetos de feminilidade e de se sentir “parecendo” mulher, pois o não se sentir assim pode levar a mulher transexual à disforia de gênero, que costuma vir acompanhada de depressão, ansiedade, entre outros transtornos. Além de cisnormativos, os padrões estéticos são racistas. O cabelo afro deve ser alisado, a pele negra clareada, os traços “suavizados”. Isso é o que dita nossa mídia. Além, é claro, da falta (quase total) de representatividade. Todo esse cenário mexe profundamente com a questão de auto-estima e auto-aceitação das mulheres negras. Símbolos como o salto-alto e o batom estão associados à beleza, ao se cuidar e se sentir (e ser) bonita. Como o uso deles é interpretado para mulheres cuja beleza é de tantas formas ignorada e rejeitada pela nossa sociedade?

A escolha da base está diretamente relacionada à questão étnica. Existem diversas tonalidades de base para peles brancas e apenas uma ou duas para peles negras, demonstrando um claro racismo institucional e uma invisibilização das mulheres negras pela indústria da moda. Mas, embora menos evidente, a base também se relaciona com a questão das mulheres trans, pois muitas relatam que esta foi importante para elas (principalmente) no início da transição, ainda mais antes do tratamento com hormônios, pois ela é uma forma de mascarar alguns traços que são socialmente vistos como exclusivos do masculino, como a barba.

Ademais, foram recolhidos para o presente trabalho entrevistas em revistas de personalidades militantes destas temáticas, como Karol Conka (*rapper* negra e feminista), Negra Jaque (*rapper*, negra e feminista) e Maria Clara Araujo (ativista negra, trans e feminista). Matérias de blogs e páginas do *Facebook* dentro das temáticas feminista, movimento negro e movimento trans; tais como o “blogueiras negras” e *Sasha, a leoa de juba* também foram utilizadas como material base para pesquisa. Senti a necessidade de trazer materiais de blogs e entrevistas – principalmente nas partes referentes às mulheres negras e trans, pois, por razões estruturais de exclusão que não me cabem aqui analisar, há uma carência muito grande de materiais sobre estes grupos escritos por pessoa pertencentes a eles. Não nego a importância dos estudos realizados por pessoas vindas de outros grupos, eu mesma sou branca e cis, mas queria o máximo possível tentar trazer para academia a voz destas pessoas que são tão excluídas deste meio: por serem mulheres, por serem negras, por serem trans.

Gostaria de dizer que espero sinceramente que num futuro não tão distante sejam as representantes destes grupos que estejam aqui falando sobre estes temas, mas até lá acho importante que haja produções sobre eles (assim como sobre qualquer minoria) pois falar sobre a invisibilidade de um grupo e sobre como as pessoas que a ele pertencem se sentem ajuda a expor a existência desses indivíduos, assim como é uma forma de iniciar um diálogo e uma denúncia do preconceito ocorrido contra certos grupos sociais. Essas denúncias e levantamentos de histórias e sentimentos contribuem para a criação de políticas públicas que combatam esse preconceitos, além de desmistificar e humanizar as comunidades. A exotização e estereotipação de grupos contribui para preconceitos e para o distanciamento do que pertencem e não pertencem à classe. Trazer relatos desses indivíduos os torna mais acessíveis, menos estereotipados e mais próximos das pessoas que não têm consciência sobre a sua realidade ou contato. Mesmo que nossa sociedade tente esconder (e até eliminar) estes indivíduos existem e resistem, “então é melhor falar, tendo em mente que não esperavam que sobrevivêssemos” (Lorde, Audre- uma ladainha pela sobrevivência)⁴. Portanto, falemos.

⁴ Consultado em 25/10/2016, acesso em <https://pensador.uol.com.br/frase/ODQwOTc2/>.

Se houvesse tempo e espaço, gostaria de entrevistar mais mulheres e incluir outros recortes tais como orientação sexual e classe, pois senti que estas questões influenciaram nas respostas e percepções destas mulheres.

2 MULHERES BRANCAS CISGÊNERO

2.1 O que é mulher e o que é cisgênero?

Antes de mais nada, o que é ser mulher? Segundo a filósofa Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se”. É nesse ponto que giram as discussões de gênero, do feminismo contemporâneo. Para o feminismo radical, que busca as raízes, o gênero é uma criação social derivada da opressão e só existe graças à socialização. Já diversas linhas teóricas do feminismo tentaram e tentam construir essa definição, porém todas me pareceram essencializantes, portanto, excludentes, afinal:

(...) essencializar é atribuir a uma pessoa, categoria social, grupo étnico, comunidade religiosa ou nação uma qualidade constitutiva fundamental, básica e absolutamente necessária. É colocar uma falsa continuidade atemporal, uma distinção ou delimitação no espaço, ou uma unidade orgânica. É sugerir uma uniformidade interna e uma diferença externa ou alteridade (...) Se nomear é re-apresentar, sugerir uma continuidade e uma uniformidade no tempo e no espaço, então todas as denominações e classificações são essencialistas, e todas as construções discursivas das coletividades sociais – sejam de comunidade, de classe, de nação, raça ou gênero – são essencializantes (Pnina Werbner *apud* Deepika Bahri, 2013, p.669).

Usei, contudo, em alguns momentos o conceito de performance de gênero de Butler, mas entendo que o “ser mulher” seja muito mais complexo do que isso. Acho importante aqui salientar que, embora este capítulo trate de mulheres brancas cisgênero, ainda estou falando de mulheres de terceiro mundo. Todas as entrevistadas (deste capítulo, bem como dos outros) são brasileiras, nascidas e criadas aqui, assim como eu, portanto, somos todas brasileiras, latino americanas, mulheres de terceiro mundo e, muito embora a teoria feminista produzida nos EUA e na Europa dialogue muito mais com mulheres brancas e cis do que com mulheres

negras e/ou trans, ele ainda não dá conta da realidade dessas mulheres e ignora diversas nuances do que é viver em um país como o que vivemos, não dá conta do que é ser mulher em um dos países que mais mata e estupra mulheres no mundo. No Brasil, a taxa de feminicídios é de 4,8 para 100 mil mulheres – a quinta maior no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde⁵ (OMS). Nos últimos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.456, que representa um aumento de 230%. O disque 180 (que recebe denúncias de violência contra a mulher) recebeu 179 relatos de violência por dia, apenas nesse primeiro semestre⁶. A secretária especial de Políticas para as Mulheres, Eleonora Menecuci, disse em uma entrevista para o Portal Brasil que “A violência contra a mulher é doença social e vivemos uma epidemia”⁷. Desta forma, colocou-se para pensar sobre um problema que é silenciado e diminuído de diversas formas pelas nossas famílias, pelos nossos colegas e pela mídia. Além disso, os dados atualizados do *Mapa da Violência 2012: Homicídio de Mulheres no Brasil*, apontam que é principalmente no ambiente doméstico que ocorrem as situações de violência contra a mulher. A taxa de ocorrência no ambiente doméstico é 71,8%, enquanto em vias públicas é 15,6%⁸. E no meio de toda essa violência, o Datafolha fez 3.625 entrevistas em entre os dias 1º e 5 de agosto de 2016 (com uma margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos) com pessoas a partir de 16 anos e descobriu que 42% dos homens 32% das mulheres entrevistados concordam com a afirmação: “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”⁹, demonstrando que as mulheres são culpabilizadas pelo que sofrem por um setor bastante grande da população ainda, em especial pelos homens. E, mesmo com estes dados violentos, a mídia segue sexualizando as mulheres e propagando a ideia de que as existem para servir aos homens, seja sexualmente, seja como quem cuida do lar. O exemplo da sexualização fica bastante claro nas

⁵ Consultado em 15/11/2016, acesso em <https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>

⁶ Consultado em 15/11/2016, acesso em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/06/violencia-contra-a-mulher-e-combatida-com-disque-denuncia-e-campanhas>

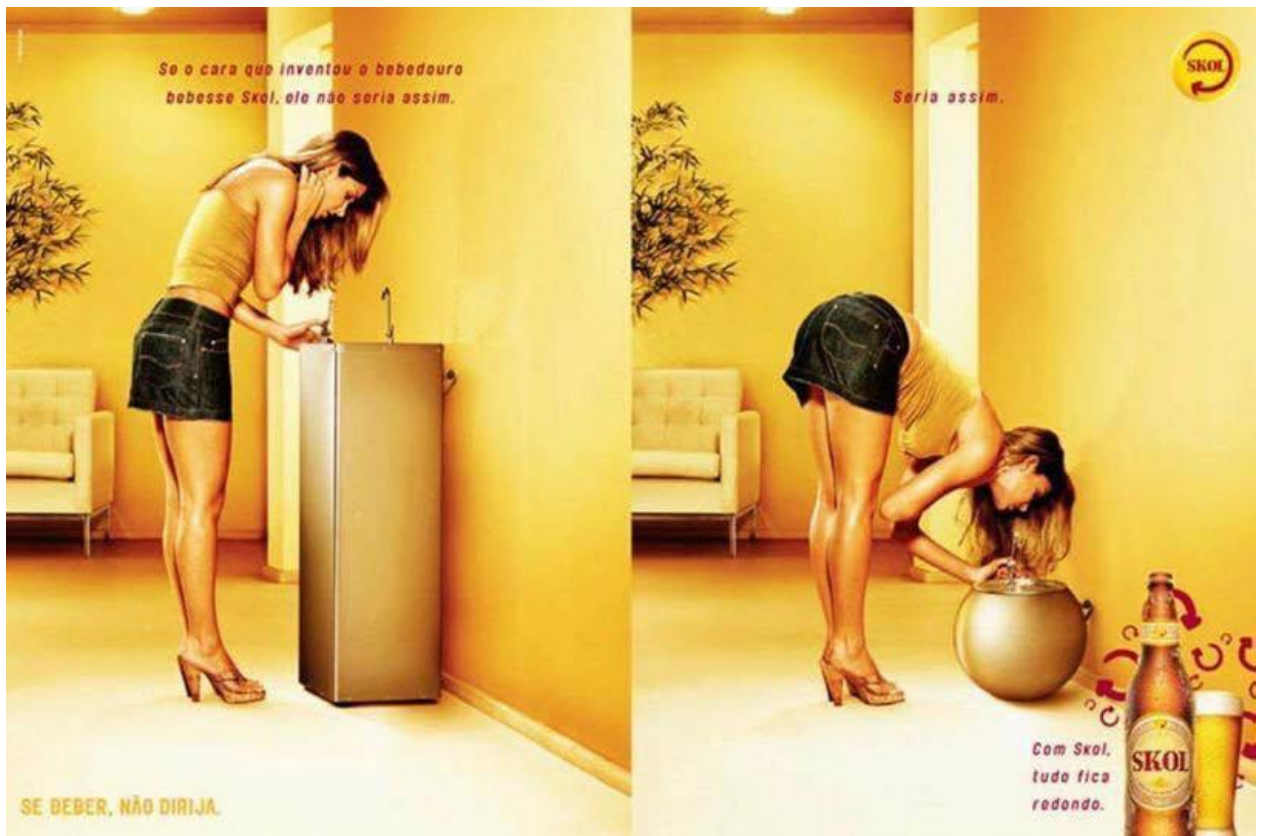
⁷ Consultado em 15/11/2016, acesso em disponível em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/violencia-contra-a-mulher-e-doenca-social-e-vivemos-uma-epidemia-diz-secretaria>

⁸ Consultado em 15/11/2016, acesso em <http://www.brasil.gov.br/saude/2011/09/brasil-combate-a-violencia-contra-mulher>

⁹ Consultado em 15/11/2016, acesso em <http://istoe.com.br/um-terco-da-populacao-brasileira-responsabiliza-a-mulher-pelo-estupro/>

propagandas da Skol, de 2015. A mulher aqui não aparece como um ser humano, mas como um objeto, sem ter direito à privacidade e como se seu corpo existisse apenas para agradar aos homens (o que além de desumanizante e machista é heteronormativo pois presume a heterossexualidade de todas as mulheres).





Estes dados são importantes para entendermos e situarmos quem é a mulher sobre a qual estamos falando.

Este capítulo trata não apenas de mulheres, mas de mulheres cisgênero. O termo cisgênero, ou cis, foi criado pelo ativismo trans como uma forma de tentar mudar o olhar da sociedade sobre mulheres trans, pois antes a oposição era feita entre mulheres trans e mulheres “de verdade”. Com o termo cis opõe-se, compara-se essas mulheres, diminuindo um pouco o abismo existente entre elas:

É normalmente entendido como uma crença na verdadeira essência real das coisas, as propriedades fixas e invariáveis que definem o "o que é" de uma determinada entidade... Sobretudo, o essencialismo é tipicamente definido em oposição à diferença... A oposição é útil no sentido de que ela nos faz lembrar que um sistema complexo de diferenças culturais, sociais, psíquicas e históricas, e não um conjunto de essências humanas preexistentes, posiciona e constitui o sujeito (Diana Fuss *apud* Deepika Bahri, 2013 p. 12).

Ou seja, o termo cis aqui é usado de uma forma a se opor ao termo trans. É uma criação com fundo político e com a finalidade de desnaturalizar. A mulher sobre a

qual falo neste capítulo é a mulher cis. E branca. O debate sobre etnia será apresentado mais adiante.

2.2 Objetos, cultura e indústria cultural

A questão da cultura e da indústria cultural aqui é um fator decisivo para compreender o que é ser mulher em nossa sociedade e como nos relacionamos com os objetos que nos são impostos. Para Boris e Cesídio (2007), a cultura é a forma como indivíduos se comportam e expressam seus valores, crenças e saberes em determinado espaço geográfico e período de tempo: "Cultura é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade" (Ferreira *apud* Boris e Cesídio 1986, p.508), ou seja, a cultura se refere a um modo de vida e um conjunto de costumes e formas de pensar que são transmitidos de geração para geração. Contudo, para Rodrigues e Caniato (2012), a cultura não tem apenas a função de formar indivíduos como seres sociais, "mas também tem a característica de protestar contra o real/factual da sociedade. Assim, ela possibilita a participação do indivíduo no coletivo e, ao mesmo tempo, a criação de uma distância entre ele e sua mera integração ao social, ou seja: a cultura dá elementos para a oposição crítica necessária aos processos de autonomia humana."p.230. Contudo, a indústria cultural pode justamente anular essa distância, padronizando os indivíduos, criando uma "*falsa identidade do universal e do particular*" (Horkheimer e Adorno, 1985) de forma a poder vender com mais facilidade.

Com a evolução da tecnologia, a cultura de consumo foi crescendo, se aprofundando e se espalhando. Por volta dos anos 40, Adorno e Horkheimer, filósofos da Escola de Frankfurt, teorizaram e escreveram sobre a Indústria Cultural. Eles analisaram o processo de produção massificada de cultura e a transformação desta, bem como de ideais, em mercadoria. Estes teóricos entendem que a Indústria Cultural possui padrões que se repetem com a finalidade de formar uma estética ou percepção voltadas para o consumismo. Ela é uma forma de padronizar comportamentos e pensamentos para poder vender, afinal é mais fácil vender para

grupos homogêneos do que criar produtos personalizados para indivíduos diversificados. Para que esses produtos possam ser consumidos pelos indivíduos ditos autônomos e livres, é preciso que eles tenham necessidades idênticas, sejam equalizados. Pela indústria cultural ocorre o processo de geração de necessidades e, ao mesmo tempo, o processo de sua alimentação.

Adorno e Horkheimer, quando falam sobre a questão do feminino e do masculino, apontam que existem diferenças biológicas entre homens e mulheres e que a Indústria cultural usa e aumenta essas diferenças como forma de vender (1985). Se a mulher tem a pele mais macia naturalmente, então a indústria se apropria disso: só é mulher quem tem a pele macia. Apanham-se essas pequenas nuances que existiriam e as exageram de forma que se torne impossível de atingir esses patamares sem consumir produtos, mas sob a desculpa de ser o “natural”.

Por trás de conceitos que nós naturalizamos (como o batom ser feminino, nunca masculino), existe uma história e diversos referenciais e interesses. Estes conceitos são muito mais do que aparentam ser. Eles estão carregados de preconceitos e de ideologias da classe dominante, que os potencializam com a publicidade. Estudar suas histórias é estudar a formação da dominação na sua forma mais sutil e profunda e que mora em cada um de nós, para tanto, um dos fatores que precisa ser entendido é a homogeneização das nossas noções éticas e estéticas feita pela indústria cultural. Sua influência permeia os mais diversos campos da nossa vida e, por meio da publicidade em massa existente dentro do sistema capitalista, tem seu efeito potencializado. Suas raízes, no entanto, são anteriores; e seu impacto na sociedade é muito maior do que a indução ao consumo. A publicidade nos vende muito mais do que produtos. Ela nos vende ideologias, modos de vida. Vende-nos quem devemos querer ser.

A indústria cultural procura criar uma padronização dos comportamentos e os empresários dessa área lucram a partir de certos ideais tornados universais. A manutenção desses ideais se dá pela repetição de atos, gestos e signos no âmbito cultural. Ao associarmos esse conceito trazido por Adorno com a questão de gênero, encontramos diversos mecanismos de reprodução do sistema patriarcal e de padrões de gênero que reforçam a construção dos corpos masculinos e femininos, tais como nós os vemos atualmente. E não é barato educar e reduzir o corpo a um

padrão. Existe aí também a marginalização daqueles que não possuem capital para se adequar.

Se alguém é uma mulher, certamente isso não é tudo que alguém é, não só porque ela transcenda como pessoa o que seria ser mulher, mas porque o conceito de gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos. Tornou-se impossível separar a noção de gênero de noções políticas e culturais, nas quais ela é criada e mantida (Butler, 2003). E o que acontece quando tentamos botar um grupo diverso dentro de um pacote limitado e tão artificial e plastificado quanto a Barbie? Um dos resultados é que, no Brasil, 80% das mulheres a partir dos 13 anos estão insatisfeitas com o seu corpo; 93% acreditam que a mídia é capaz de gerar essa obsessão (Roveri Soares, 2011). Além disso, o Brasil é o primeiro no ranking mundial em realização de cirurgias plásticas.

Diversos objetos são incorporados à vestimenta e ao dia a dia das mulheres em virtude dos padrões estéticos impostos às mulheres (ou em nome deles). A pele que não pode ter rugas, espinhas ou marcas é escondida com base, pó e corretivo. A boca, que foi construída como um símbolo de sensualidade, é ressaltada com batom (já que seu tom natural não é suficiente); o mesmo ocorre com os olhos e os artifícios próprios para seu destaque. O corpo feminino foi tornado insuficiente: ele precisa ser domado e melhorado para competir no mercado a fim de conseguir os melhores partidos – sendo estes sempre masculinos em nossa sociedade heteronormativa e homofóbica-.

(...) a indústria cultural apresenta a realidade mediada pela racionalidade técnica, instrumental, ocorrem alterações/distorções na estrutura psíquica do ser humano, principalmente em seus processos da consciência (pensamento, julgamento, discriminação, decisão), deixando o indivíduo à mercê de manipulações identificatórias e de seus impulsos destrutivos inconscientes (RODIGUES E CANIATO, 2012, p. 236).

Os padrões impostos são inatingíveis. Nem com todos os produtos, roupas, plásticas... as mulheres serão como as que são mostradas nas capas de revistas. Estas modelos, além de um biótipo bastante específico e toda produção (roupa, maquiagem, iluminação), há a manipulação feita pelo photoshop em suas fotos,

além de outros tratamentos de imagem que tornam estas figuras não condizentes com a realidade. Nossos padrões de beleza são distorcidos e irreais.

Alguns dos objetos e rituais lidos como femininos são bastante prejudiciais para saúde e causam dor, como o salto alto, que afeta nossa postura, coluna, joelhos. O pé é a base do corpo, ele sustenta todo nosso peso e interage com toda a cadeia cinética inferior. De acordo com Lunes *et al* (2008,pg 42), “o pé funciona como um complacente mecanismo de recepção e distribuição do peso do corpo, tendo uma função de adaptação às irregularidades do solo, além de funcionar como uma alavanca rígida que dá impulso durante a marcha”. Os calçados que usamos deveriam ser para ajudar esse mecanismo e para proteger o pé, mas o salto alto, além de não realizar essa função, a prejudica.

O sapato de salto é amplamente utilizado por mulheres em nossa sociedade. As que têm condições para tanto costumam contar com diversos modelos e cores, afinal, a indústria da moda nos condicionou à idéia de que precisamos ter variedade. Precisamos fazer diferentes combinações e sempre ter os modelos atuais. Modelos estes que são propositalmente efêmeros e não funcionais. A presença do salto já é certa no dia-a-dia de um número bastante expressivo de mulheres. A inserção da mulher no trabalho veio acompanhada de diversos pré-requisitos de vestimenta. O salto e a maquiagem são algumas tradicionais exigências. Além de eles estarem associados a uma ideia de feminilidade, estão associados à ideia de profissão, portanto, ambientes que se pretendem formais exigem seus usos em seus regimentos internos. Mas o quão problemático e até insalubre é exigir em um ambiente o uso de um objeto que comprovadamente faz mal à saúde? Em um estudo de Lunes *et al* (2008, pg 43), se constatou que: “O uso demasiado de calçados com salto alto, geralmente, causa encurtamento da musculatura da panturrilha, o que leva as pessoas já habituadas ao uso do salto a um desconforto na hora de usar um sapato de sola plana (...) O aumento da altura do calcanhar provoca modificações no padrão do caminhar, além de uma instabilidade do pé.” Além disso, os autores entendem que existe uma importante relação entre a altura do salto e a sobrecarga dos arcos do pé. O uso do salto altera a distribuição do peso do corpo, reduzindo a pressão no calcanhar e deslocando-o para o antepé. A proporção do peso sustentado pela ponta do pé aumenta diretamente com a elevação da altura do calcanhar. O uso contínuo de salto alto resulta em uma

sobrecarga compressiva dos metatarsos. Bienfat (*apud* Lunes *et al*), afirma que, sem bons pés no chão, não há boa estática. Conseqüentemente, com as deformações dos pés e alterações de descarga de peso nos pés, altera-se a estática. Portanto, a questão aqui levantada é que uma vez que o uso do salto alto altera a mecânica do pé, acaba gerando conseqüências musculares nos membros inferiores; como resultado, espera-se que sejam produzidas alterações posturais compensatórias ascendentes. Lunes *et al* citam também os estudos de Bendix *et al* e Manfio. Os primeiros avaliaram 18 mulheres que utilizavam diferentes tipos de salto e verificaram a lordose lombar com o uso de um inclinômetro, concluindo que, com o aumento do salto ocorreu a diminuição da lordose lombar e da retroversão pélvica. O segundo grupo avaliou sete mulheres descalças, com salto baixo e salto alto (85mm), por meio de fotografias e plataformas de força e encontraram, também, diminuição da anteversão pélvica com o uso de salto em comparação às mulheres descalças.

Com tudo isso, o que eu pretendo é mostrar que o salto alto tem um impacto negativo comprovado na saúde daquelas que o usam, mas ainda assim há a exigência de sua utilização em muitos espaços, além de haver uma glamourização de seu uso. A perpetuação da utilização de objetos como esse está profundamente ligada à Indústria Cultural, pois ela “atua de forma intensa pela glamorização. Ela seduz o indivíduo, transmitindo-lhe o que ele pode ser, pode ter, pode conseguir e possuir, desde que se submeta, desde que consuma, participe” (Rodrigues e Caniato, 2012, p. 235). A mercadoria (especificamente aqui o salto alto) tem dentro dessa dinâmica um caráter místico religioso, cria-se um fetiche da mercadoria (Marx, Karl, 1987) e todo um glamour de todos os problemas que a acompanham, como se até os efeitos colaterais fossem de alguma forma bons, ou como se fossem um preço mínimo a se pagar pelo privilégio de poder usar daquele objeto. “O ideal na indústria cultural é o indivíduo que aceita sua derrocada e goza de seu próprio sofrimento: o prazer na dor” (Rodrigues e Caniato, 2012 p. 17). Existe até o ditado popular que “beleza dói”, ou, mais recentemente, “no pain, no gain” (sem dor, sem ganho, em tradução livre).

Apesar de toda essa pressão e de todos estes mecanismos criados para nos manter consumindo e reproduzindo comportamentos, existe resistência. Sempre existiu resistência. Mesmo que as vezes sutil. Ambas as entrevistadas para esta

pesquisa demonstraram sua insatisfação com as imposições a elas feitas e ambas fazem suas pequenas contravenções e atos de protesto, como não se depilar. A indústria cultural veio para homogeneizar os seres humanos e dissolver a cultura; mas a cultura, essa que nos dá elementos para a oposição crítica necessária aos processos de autonomia humana (Caniato e Rogdrigues, 2012) ainda existe e resiste e nos ajuda e desconstruir os padrões e a construir identidades autônomas.

2.3 Entrevistas

Perfil das entrevistadas: para este capítulo foram entrevistadas duas meninas brancas e cisgênero. Ambas têm 19 anos e estão na universidade.

2.3.1 Entrevista com Alice (nome fictício)

Alice relata ter conhecido o salto alto por sua mãe, que o usa cotidianamente. As primeiras vezes que ela usou salto, usou os de sua mãe, pois elas usam o mesmo tamanho de calçado. A mãe de Alice não só lhe emprestou os saltos para ir nas primeiras festas, mas a ensinou a andar “outra lembrança é a mãe me ensinando a usar o salto e não dando muito certo, hahaha”. Ela diz que se sentia super-adulta das primeiras vezes que usou e queria usar em tudo que era lugar, até pra ir ao colégio “uma vez eu fui com um disso o Anchieta, quando eu estudava lá, e eu fui xingada na verdade, porque não podia usar salto”, mas, como doía muito, ela parou de usar e hoje em dia só usa (e reclamando) quando é obrigada: “Atualmente, o salto alto é um símbolo de eu odeio meus pés. Odeio minhas pernas e odeio ir em festas de 15 anos. Eu odeio ir em casamentos e em festas formais porque dói e não é uma coisa legal.”

O batom ela conheceu por ganhar “maquiagens de brinquedo”: “Acho que como toda mulher, toda socializada mulher na verdade, aaah, naquelas coisas de plástico, que eu tenho certeza que é cancerígeno, que a gente enfiava na boca e comia, ahuahuah; aquilo era que nem massinha de modelar, não sei (hahah) que era tipo umas maquiagens que vinha, que tu comprava no 1,99, vinha num potinho branco de plástico e vinha uma geleca, que a gente passava na boca e chamava aquilo de batom (hahah) e eu tenho certeza que se eu tiver câncer um dia vai ser por culpa daquilo.” Ela conta também que não lembra da primeira vez que usou: “Não

tem algo tipo ‘ah, meu primeiro batom’”. Eu lembro que eu gostava de comer batom, porque eles tinham gostinho, ahahaha, principalmente um que era um moranguinho de plástico.” Ela também fala que teve uma iniciação por parte da irmã: “além de eu ter uma irmã mais velha que me usava de boneca pra tudo hahaha”. Ela diz que não usa muito batom atualmente e que demorou a se acostumar a usar essa maquiagem: “Não sei, eu achava que ficava esquisito, que eu parecia ter botox na cara, sabe? Eu nunca consegui... eu não me sentia bem, achava esquisito. Aí, atualmente eu até uso as vezes. Comecei a usar batom, mais pra sair, batom vermelho. Agora eu até tô aderindo a usar batons mais claros, tipo pra noite assim, mas é raro eu usar batom”. Ela entende que ele é uma parte da maquiagem bastante ligada à expressão e com bastante carga ideológica “Eu acho que é uma parte mais expressiva porque ele tem a ver com a boca e a boca tem muito uma conotação sexual e de prazer. Socialmente criada né?! Ahn... tanto que é tipo ah, batom vermelho é coisa de puta, mulher de família usa cor mais clara, porque eu acho que tem mais essa conotação. E ao... e ao mesmo tempo ele é parte da maquiagem. E maquiagem tem toda aquela questão da feminilidade a questão sexual. Mas pra mim, Alice, individualmente.... bah, é uma coisa meio indiferente assim. Eu só uso as vezes (...) por eu demorar muito tempo para... para começar a usar batom, eu me sentia muito esquisita de batom... me sentia uma Kardashian de batom auhauhauh entendeu? Então eu... não... não usava, então pra mim não é uma obrigatoriedade, eu as vezes me maquio toda, só não uso batom. Mesmo em festas de 15, casamentos... as vezes eu me maquio todo e não passo batom. Ou então passo, mas uma coisa só pra dizer que eu passei, pra ficar aquela coisa mais gosmelenta assim, sabe?! Hauhauhauh”.

A base ela não lembra de como conheceu nem de como começou a usar, só lembra que as primeiras eram bem baratas e sem qualidade, que ficavam “alaranjadas” no rosto, mas este artifício, ela relata, que usa hoje em dia e o associa ao feminino “(...)além de ser um traço de feminilidade, tipo, mulher que usa maquiagem fica mais feminina. É muito uma coisa do tipo: “ah você tem que acentuar tua beleza e esconder tuas imperfeições”. No caso da base é bem isso assim. A pele tem que ser tipo de bebê, tu não pode ter rugas, espinhas... nem marcas. Até pintas as pessoas escondem. (...) Base eu uso. Não diariamente, mas frequentemente. Acho que principalmente por causa das olheiras... por que eu acho

que... é mais corretivo que eu uso. E uso base também porque a base que eu comprei tem protetor solar.” Alice expressa que essa maquiagem tem importância na sua vida: “Se eu vou sair e não passo base eu me sinto quase pelada assim. Eu acho que é quase uma obrigação assim... para dar uma escondidinha, uma calibradinha assim. Uma coisa tipo ‘affe, vamos ficar bonitas’”.

Apesar de usar base com frequência e usar batom eventualmente, Alice traz diversas críticas a esses objetos: “(...) eu acho que a gente é condicionada a usar essas porra, ta ligada? Tipo salto alto. A gente tem que ficar se estragando. Ficar fazendo mal pra nossa pele...tipo, e aí é aquela coisa: se tu usa base, tu cria mais rugas, se tu cria mais rugas, tu compra mais produtos de beleza e isso é um ciclo infinito e aí a gente tem que usar sapato de salto alto pra gente ficar gastando milhares de reais nesses sapatos mais chiques e entortar nossa coluna e também... posso reclamar do salto alto? Falar que ele diminui tua mobilidade e é uma merda? (...)se diminui tua mobilidade tu pode fazer bem menos coisas, entende? (...) eles são designados por um questão estética, mas eles vão além de uma questão estética, entende? Coisas para nos tirar a mobilidade e liberdade, é muito além da estética (...)”. Para Alice é bem evidente as questões de dominação presentes na feminilidade e nos objetos que a acompanham. Ela se sente desconfortável com o uso das vestimentas femininas e reclama da diferença que sente entre o que é designado para homens, que é funcional e confortável, e o que é designado para mulheres, que é incômodo: “Eu compro uma camiseta básica masculina e uma camiseta básica feminina... a camiseta masculina vai ser mil vezes mais confortável. Tipo, eu não sei, elas são feitas do mesmo material, eu acho que é o corte. O corte feminino ele é feito para ser desconfortável parece, (auhuahahu) é tipo, tudo feito pra ser desconfortável (auauhuh) e é muito uma questão de reduzir a mobilidade... e de tu poder fazer menos coisas. Tu fica mais.. indefesa.... daí tu fica só sentada sendo linda, no máximo cozinhando enquanto o homem faz alguma coisa por ti.” Ela sente uma intencionalidade e um machismo estrutural no feminino. Mesmo usando roupas e objetos femininos e se apresentando como mulher de um jeito mais tradicional, ela sente essa opressão e a associa diretamente às questões de gênero. Além do gênero, ela percebe também uma questão de classe no uso da maquiagem: “Eu sinto ela [maquiagem] meio que como um rótulo, entende? Tipo, o estar de maquiagem e a maquiagem que tu usa também... tipo por exemplo, tu nota se é uma

maquiagem barata que tu parece um doritos ou se é uma maquiagem melhor. E além de uma questão de classe que eu acho que ela mostra muito... tipo, pra quem é... é mais atento né. Ela é muito um rótulo. Tá de batom vermelho? É fácil. Ta de batom mais rosa? É de família (...) Fora essa obrigação de estar toda linda perfeita, estar lá... pra alguém. Claro, não é pra si. Tu não passa maquiagem pra ti. Se não tipo, eu passava maquiagem pra ficar em casa vendo meus Netflix, tu entendeu? Auhauhauh tipo, não.”.

Alice entende que todo esse preparo estético é muito mais uma pressão da sociedade e voltado para os outros do que uma coisa para si mesma. Ela demonstrou profunda insatisfação com as exigências de perfeição e com os padrões impostos e se sente oprimida por eles. Apesar disso, ela segue usando estes objetos, pois ela ainda pretende-se encaixar de alguma forma e sabe que agir de acordo com o protocolo é uma das formas mais fáceis: “O peso cultural é forte”.

2.3.2 Entrevista com Ana Flor (nome fictício):

Ana Flor começou falando sobre maquiagem e falou sobre o batom e a base juntos. Ela falou que os conheceu juntos, quando era ainda bem pequena e fazia ballet.. Na apresentações de sua escola todas as meninas tinham que ir maquiadas, mesmo que não gostassem e independente da idade. A própria entrevistada relata que não gostava “eu tinha 3 anos e eu lembro que eu odiava usar”. Hoje em dia Ana Flor quase não usa maquiagem: “Uso, mas... muito pouco, assim... às vezes eu uso batom... em dias aleatórios. Mas... ahn... mas geralmente, tipo, eu só uso quando eu vou sair assim e... nem sempre quando eu saio também. Uso... base só em ocasiões muito especiais assim”. Para ela, a maquiagem está ligada com o que nos ensinam quem devemos ser, com como deveríamos supostamente parecer e que eles acabam tirando de nós o que realmente somos, além de muitas vezes piorarem o que deveriam melhorar, como é o caso da base, que pode até te deixar mais arrumada no momento, mas que acaba deixando a pele mais ressecada, com mais espinhas, rugas etc: “Eu achava minha pele feia e usava base e pó, e aí... depois que eu parei de usar a minha pele até começou a ficar melhor, sabe? São coisas que, na verdade, fazem mal e que tu pode tipo sei lá... ter naturalmente sem elas, por um padrão, por uma aparência que tu supostamente tem que ter, mas na verdade não, sabe? É esconder... tipo... é às vezes esconder como próprio corpo é...

tipo, eles tentam te colocar... te colocar num padrão que não é real assim. Tipo, e... com isso tu perde muita coisa, né? Tipo, além de perder, sei lá, pontos, sei lá, de saúde como tua pele ser boa de verdade nesse caso e tu.. tipo, perde de conhecer como tu realmente é, saca?”.

O salto alto Ana conheceu por sua mãe, apesar de esta não usar este tipo de calçado com frequência. A pessoa mais próxima que ela conhece que usa salto é sua avó, que tem em torno de 1,50m e que por isso sente que tem que parecer mais alta. Ela conta que sua avó tem diversos problemas de coluna e no joelho, mas não abre mão deste tipo de sapato. Ana Flor não usa salto no dia-a-dia, pois estuda no Campus do Vale e tem que se movimentar bastante, o que seria bastante dificultado com um sapato como esse. Além disso, ela pessoalmente não sente uma relação com este objeto. Ela o vê mais como uma imposição e ela, que está em uma posição em que pode escolher, optou por não seguir: “Eu acho que, tipo, [o salto] se relaciona muito ao... a uma expectativa de como uma mulher deve ser (...) Mas eu acho que, eles não definem absolutamente nada. Ele são só tipo uma imposição social feita sobre as mulheres”.

2.3.3 Consideração sobre as entrevistadas:

Pareceu-me ficar bastante evidente nas entrevistas que estas mulheres entendem os objetos de feminilidade e até a própria feminilidade como opressões de gênero e que elas relacionam a obrigatoriedade do uso do salto como uma forma de controle do corpo feminino e sua mobilidade. Ambas entendem também que existe uma pressão para serem perfeitas, de uma forma que não é real, além de acreditarem que os mesmos produtos que nos são vendidos para, por exemplo, tornar a pele “mais bonita”, fazem com que a pele se torne dependente deles, criando um círculo vicioso, que seria bom para as indústrias e lojas, mas ruim para as mulheres, sem falar que muitas destas coisas nos impedem de nos conhecermos como realmente somos.

Nenhuma das entrevistadas pareceu demonstrar entusiasmo ou identificação real com estes objetos, bem pelo contrário. Elas se sentem pressionadas a usá-los, pressionadas a serem “perfeitas” e diferentes do que são. Ambas foram apresentadas a eles por suas mães e tiveram mulheres mais velhas (mãe, irmã, avó...) que as ensinaram a usar e reforçaram de alguma forma a importância do uso.

Ambas também conheceram e entraram em contato pela primeira vez na infância. Mesmo a maquiagem lhes foi introduzida ainda na infância. Ana Flor, aos 3 anos de idade, já se deparava com ambientes onde era obrigada a usar maquiagem.

Estas mulheres certamente sofrem para se enquadrar em um padrão impossível e são levadas a consumir para tentar alcançá-lo. Nesta pequena amostra, elas tinham plena consciência da opressão de gênero. Acredito que o fato de serem estudantes universitárias e virem de uma classe social privilegiada tenha contribuído para que elas tenham chegado a esta conclusão, mas entendo que isso não atenua a forma como elas se sentem. Estar atento à opressão que se sofre depende de termos alguns privilégios (quem está apenas preocupado com a própria sobrevivência não costuma pensar sobre este tipo de assunto). O fato também de não terem que trabalhar lhes deu a possibilidade de optar tantas vezes pelo não uso, coisa que não ocorre com mulheres que são obrigadas por regimentos internos de empresas ou instituições a usarem produtos como maquiagem e salto. Estas mulheres, apesar de serem mulheres em um país misógino como o nosso (como mostram os dados sobre a realidade brasileira) são ainda assim privilegiadas e por isso podem fazer escolhas que a maioria não pode.

Mesmo com todos privilégios de classe, etnia, identidade de gênero, ser mulher dói. E isso eu posso afirmar a partir de dados, bibliografia, entrevistas e com a minha própria vivência enquanto mulher. Dói por conta dessa violência sofrida nas ruas, pelo feminicídio, pela mercantilização do corpo, pelo estupro. Mas dói em muito mais do que essa violência escrachada e tradicional. Ser mulher dói porque fomos criadas e condicionadas de tal forma que nós mesmas nos mutilamos e acreditamos ainda que é por livre vontade. Arrancamos nossos pelos com cera quente, passamos fome em dietas em nome de corpos que nem se quer existem, fazemos cirurgias plásticas e nos esprememos em saltos. De acordo com o ISAPS (*International Society of Aesthetic Surgery*), o Brasil é o país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo. Em 2013 foram 23 milhões de intervenções. Nós arriscamos e arruinamos nossa própria saúde. Anorexia, bulimia, consumo de drogas para emagrecimento, nos tornaram incapazes de nos vermos como seres completo. Distúrbios de imagem, depressão, ansiedade. Corpos mutilados em uma tentativa vã de nos sentirmos existindo, porque nos ensinaram que precisamos ser bonitas para existirmos. Precisamos ser bonitas para termos nosso final feliz. Com um homem. Nosso final

feliz deve ser com um homem, não somos seres completos nessa sociedade heteronormativa e misógina.

Quando uma menina de apenas 3 anos é obrigada a usar maquiagem me parece evidente o quão cedo essa violência começa. E o quão agressiva ela é. Ser mulher dói não apenas pela violência escrachada, mas por essa dominação que existe desde a infância. Que começa silenciando as meninas. Que começa ensinando às crianças que os meninos podem ser heróis, bombeiros, médico e tantas outras coisas. Já as meninas... as meninas podem ser magras, bonitas e terem um bom marido. As meninas podem ser Barbies loiras e sorridentes (Roveri Soares, 2011). A dor de ser mulher começa quando nos é negado o protagonismo de nossas próprias vidas, o controle sobre nossos próprios corpos. Toda violência me parece advir de um tipo de socialização ainda hegemônica contemporaneamente.

3 MULHERES BRANCAS TRANSEXUAIS

Quando falamos de mulheres transexuais, precisamos falar sobre violência e precisamos falar sobre prostituição. Não é possível entender o universo onde se situam essas pessoas sem esses fatores. Seguem alguns dados sobre a marginalização deste grupo:

- 90% das mulheres trans no Brasil estão em situação de prostituição (Associação Nacional de Travestis e Transexuais);
- Com mais de 600 mortes nos últimos 6 anos, o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo (Organização Não overnamental Transgender Europe -rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero);
- Janeiro de 2016 ficou conhecido como janeiro vermelho. Com apenas 19 dias de 2016, mais de 50 mulheres trans e travestis foram assassinadas;
- A expectativa de uma mulher trans ou travesti é de 35 anos, a média nacional é de 74,9 (IBGE, 2013). Ainda não existem esses dados sobre homens trans.

Os números sobre transsexuais nas universidades são irrisórios. Homens e mulheres trans e travestis entrando na universidade ou se formando costumam ser notícia; devido ao fato de ser algo extremamente raro. No início de 2015, Maria Clara Araújo foi a primeira transexual aprovada na Universidade Federal de Pernambuco e foi matéria em diversos jornais. Outras histórias como a dela tem surgido, elas mostram pequenas vitórias, mas também mostram como esse ambiente ainda esmagadoramente cisgênero. A faculdade de pernambuco tem 71 anos e 43375 estudantes, sendo que apenas um deles, e apenas em 2015, era transexual ao passar no vestibular (não encontrei dados que indicassem se algum outro estudante transicionou após ingressar na universidade).

A marginalidade das mulheres trans é inegável. E, além de toda essa violência visível e mensurável, há a violência psicológica cujos danos não são menos profundos. Mulheres trans têm diariamente sua identidade negada. São tratadas por pronomes masculinos, são ridicularizadas. Não são poucos os programas de “humor” que vemos na televisão ou no rádio (como o quadro “beija saco”, do *Pânico na TV* veiculado em fevereiro de 2016) que ridicularizam travestis. Chamam de traveco (sendo que a terminação “eco” denota algo pejorativo) em uma forma de desmerecer esses sujeitos e põe todas as pessoas que se associam a eles em uma

posição de ridículo. Basta lembrar de quando se soube que Ronaldinho Gaúcho havia transado com uma trans. Tantos anos depois e isso ainda é motivo de deboche e sensacionalismo. Inclusive houve uma matéria feita pelo G1 na morte desta trans, na qual ela era tratada como “o travesti que comeu Ronaldinho” e chamada sempre no masculino¹⁰. Há também os diversos quadros que filmam travestis “seduzindo” homens cis, o que é para nossa sociedade motivo de graça, como se fosse risível alguém se interessar por uma pessoa transexual, ou como se isso tornasse algum homem homossexual e como se isso fosse algo ruim. Parte do preconceito existente contra essas mulheres é porque há a negação de seu gênero, seriam “homens de saia” para um setor bastante grande da sociedade. Sociedade esta profundamente homofóbica e onde há uma vigilância constante da masculinidade (Kimmel, 1998). Se a mulher trans não é mulher, então aqueles homens estariam se interessando por outros homens, o que lhes traria uma queda de status, lhes tornaria homossexuais, pois tudo gira em torno do falo (Rich, 1980). Podemos perceber isso na invisibilização da bissexualidade, que nega que homens e mulheres bissexuais possam de fato ser bissexuais. Presume-se que a mulher seja hetero e o homem homossexual, pois a atração seria sempre pelo falo. A identidade lésbica também é negada pelas mesmas razões (Rich, 1980), assim como a heterossexualidade masculina. Apesar de mulheres trans serem mulheres, o fato de elas terem (ou já terem tido) um pênis põe em risco, socialmente, a sexualidade dos homens heteros. A transobia dialoga com a homofobia.

Mas o que é ser transexual, afinal? Uma pessoa transexual é aquela que não sente identificação com o gênero que lhe foi imposto ao nascer e razão da sua genitália. Acho importante aqui ressaltar que essa imposição está quase estritamente ligada aos genitais. Pessoas que nasceram com hermafroditismo costumam ser mutiladas ainda quando crianças para terem a genitália enquadrada dentro do sistema binário e são hormonizadas de acordo com o gênero escolhido. O fator decisivo para escolher se a criança será encarada como homem ou mulher não é o cromossômico, mas a aparência dos órgãos genitais, como foi o caso de Amiel Modesto, que tem síndrome de insensibilidade e andrógenos, portanto nasceu XY, mas com os órgãos mais parecidos com uma vagina. Foi submetido, então, a uma

¹⁰ Consultado em 20/11/2016, acesso em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1224961-5605,00-TRAVESTI+QUE+SE+ENVOLVEU+EM+POLEMICA+COM+RONALDO+MORRE+EM+SP.html>.

vaginoplastia quando ainda era bebe¹¹. Ou seja, foi submetido a uma cirurgia agressiva sem ter condições de opinar simplesmente por não se enquadrar no sistema binário. Há também diversos casos, como o de Sasha, (mulher trans, cartunista e dona da página *Sasha, a leoa de juba*) em que uma pessoa com cromossomos XX nasce com pênis e escroto e é criada como homem. As que são criadas como mulheres geralmente só descobrem o “erro” quando chegam na puberdade e não menstruam. É ao investigarem os motivos do atraso da menarca (que na verdade nunca vai chegar) que descobrem na verdade ser XY. Já os que são criados como homens muitas vezes só descobrem muito mais tarde na vida (e, às vezes, nunca descobrem!) em razão de alguma questão médica.¹²

Além de não se identificar com o gênero de sua genitália, mulheres transexuais se identificam com o gênero feminino. Existem pessoas transexuais que não se identificam com nenhum gênero (agêneros) ou que se identificam com ambos os gêneros (intergêneros). A mulher transexual performa o gênero como mulher, ou seja, adere às vestimentas e formas de agir que são socialmente ligadas ao feminino (Butler, 2003) e que lhe foram proibidas anteriormente por conta da anatomia de sua genitália:

Todo ser humano tem na sua origem características ligadas ao masculino ou feminino. Ao nascer com pênis: homem. Ao nascer com vagina: mulher. Isso é o que convencionalmente se usa para definir o sexo feminino ou sexo masculino (...) na teoria Queer, um dos argumentos mais potentes é o não aprisionamento do desejo sexual em regras rígidas e pré-estabelecidas. O desejo pode estar livre de identidade tanto de gênero como sexual, de rotulação, de normatização, uma vez que pode ser direcionado a objetos que proporcionem prazer, sem necessariamente produzir danos, ou prejuízo ao sujeito desejante. (Ribeiro de Almeida, 2014, p.3).

Ou seja, mulher trans é aquela que nasce com pênis, mas se identifica com mulher e assim performa.

É importante aqui diferir orientação sexual de identidade de gênero. A transexualidade não torna a pessoa necessariamente homossexual. Orientação

¹¹ Consultado em 20/11/2016, acesso em <http://www.nlucon.com/2016/10/pessoas-intersexuais-revelam-vivencias.html>.

¹² Consultado em 20/11/2016, acesso em <http://www.feministacansada.com/post/40248740172>.

sexual é diferente de identidade de gênero. Identidade de gênero é com qual gênero a pessoa se identifica (mulher, homem, ambos, nenhum...). Orientação sexual é por qual (ou quais) gênero(s) a pessoa sente (ou não) atração (Ribeiro de Almeida, 2014). Contudo, costuma-se associar as lutas trans e de pessoas não heteros, vide o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais). Essa união das lutas ocorre, pois, o gênero, assim como a sexualidade, da-se no âmbito da cultura. Não há ai uma naturalidade ou uma forma de performar o gênero ou de praticar a sexualidade mais naturais do que outras; há só construções sociais e históricas da sexualidade, que implicam sempre determinados tipos de encontro com o poder (Adelman, 2000). Há também o fator de ligar-se a atração sexual à genitália, então é acaba havendo uma intersecção com a homofobia, pois ao se relacionar com uma pessoa que possua pênis, a sociedade entende que se está se relacionando com um homem, então um casal hetero (homem cis + mulher trans) é encarado como um casal homossexual. A obsessão de nossa sociedade com o falo acaba em muito interseccionando estas lutas. Butler (2003) escreve que gêneros são significados culturais assumidos por corpos sexuados. Ser sem sexualidade, seria-se sem gênero, de certa forma e nossa sexualidade pode comprometer nosso gênero, como é o caso do homem gay que é visto como “menos homem”, como “afeminado”. Ou como a lésbica que é chamada de “machorra”. Ou até como homem hetero cisgênero que se relaciona com uma travesti e tem sua sexualidade e gênero postos em duvida por isso.

Se a mulher trans é socializada como homem, isso significa que todos os rituais de feminilidade clássicos lhe são negados. Nossa sociedade proíbe aos homens a aproximação com signos do feminino, pois o feminino é visto como estando abaixo. Uma das formas recorrentes de se reafirmar a masculinidade é por meio da reafirmação de poder sobre as entidades de gênero subalternas (que seriam atualmente as mulheres e os gays) (Kimmel, 1998). Há essa constante vigília da masculinidade. Ela parece ser instável e tem que ser provada e, uma vez provada, provada novamente num ciclo constante de reafirmações e com os constantes questionamentos (Kimmel, 1998). Para uma mulher trans, isso significa que adotar os símbolos, maneiras e vestimentas associadas ao feminino é uma grande transgressão. A família de um menino tradicionalmente faz de tudo para mantê-lo longe de qualquer objeto e brincadeira que seja socialmente vista como de menina.

A experimentação e descoberta da transexualidade é carregada e o uso de objetos como saltoalto e batom vem acompanhado de um rechaço social gigantesco, bem como de risco de vida, como demonstram bem os dados acima apresentados.

A mulher trans tem o primeiro contato com os objetos de feminilidade por meio da observação das figuras femininas próximas (como as mães, avós, tias e amigas), mas não vai ser iniciada por elas na maquiagem, no andar de salto suas iniciações se darão em outras idades e por meio de outras intermediárias. Pode ser uma amiga (ou amigo), uma atendente de loja de cosméticos, o Google, que lhes darão as primeiras “aulas” de como usar esses itens e como performar a feminilidade. Mesmo que antes já tenha havido anos de desejo e de observação, o contato de fato só se dá mais tarde e de forma diversa das mulheres cis, ainda que possa haver anteriormente brincadeiras furtivas longe dos olhares cisnormativos adultos.

A questão do símbolo também é diferente. Mulheres cis crescem tendo objetos como batom e salto como obrigatórios e a há toda uma construção social e simbólica opressora em torno deles, como visto no capítulo anterior. O mesmo não ocorre com mulheres trans. O que para um grupo é mandatório e opressor, para o outro é transgressor e libertador. Para uma mulher trans, usar batom é contra tudo que lhe foi ensinado em sua socialização. Usar batom é romper com a cisnormatividade, com a destinação de gênero dada pela genitália. Os objetos por si só não têm valor intrínseco, eles são significados socialmente de acordo com o contexto e com os indivíduos que os portam. O salto alto não oprime nem liberta ninguém. É a forma como o lemos e os valores morais a ele agregado que fazem isso. É Por isso que para a mulher trans, a quem esses objetos foram proibidos, seu uso pode ser, sim, empoderador. É por meio destes objetos que se exprime a identidade que elas querem passar e por meio deles que elas conseguem ser lidas pela sociedade como mulheres. O gênero é cultural (Aldeman, 2000) e é expresso pela performance (Butler, 2003). Performance esta que muito se utiliza de objetos. Os corpos são cabides que apenas tomam gênero de acordo com o que é posto neles (Nicholson, 2000). A genitália por si só nunca fez ninguém ser percebido como homem ou mulher, ela apenas nos destinou a sermos ensinadas a performar de forma limitada ao seu formato. É a performance e o que botamos nestes cabides que nos fazem sermos lidas como mulheres ou homens. Contudo, uma sociedade cisnormativa vai sempre questionar o gênero de uma pessoa trans, o que pode tornar os objetos

ainda mais importantes, pois se tornam uma parte fundamental da sua auto-expressão e auto-afirmação.

Ser aceita e vista “como mulher”, significa “ser vista como mulher cis”, ou “ter passabilidade”, o que traz uma certa aceitação social, mas muito mais do que isso, significa uma maior segurança. Nossa sociedade não lida bem com a existência de travestis. Nossa sociedade é excludente, violenta e assassina com essas mulheres. “Ter passabilidade” é uma forma de se sentir mais segura. A cartunista Sasha escreve que o feminismo é a idéia radical de que mulheres são seres humanos, são gente com vontade própria, autonomia e direitos iguais e que as mulheres trans ainda lutam pela idéia radical de que são mulheres. Diversas trans com as quais tenho contato no Facebook postam sobre o medo que têm de serem percebidas como travestis quando estão na rua (especialmente à noite), pois sabem que isso pode lhes levar à morte. Há uma padronização do que é ser mulher e essa padronização não aceita mulheres trans. Elas são socialmente invisíveis. Não existem na mídia, pouco existem na televisão. Só recentemente algumas personagens trans começaram a surgir (e não foi na televisão nacional). Travestis só costumam aparecer se for para efeito cômico, senão devem ser escondidas. São expulsas de suas casas e dos colégios. É lhes negado o trabalho formal. O resultado é o que os dados nos mostram: para a mulher trans, o que existe é a prostituição. Mas entre a prostituta, o homicídio e o ridículo, a mulher trans só queria existir como mulher, sem ter a ela agregado todo peso de ter nascido com a genitália do formato “errado”. Então, o batom não é só um batom. Uma saia não é só uma saia. Localizar o lugar da onde essa mulher fala é essencial para entender o peso e a libertação de ousar usar esses objetos.

Sasha

A LEAO DE JUBA

POR
SAMIE CARVALHO

EM: PRA SER SINCERO, OPS! SINCERA!

"QUALQUER SEMELHANÇA COM A REALIDADE NAO E' MERA COINCIDENCIA..."



Esse quadrinho da Sasha parece ilustrar bem algumas das dificuldades das mulheres trans em se assumirem nos locais de trabalho (e até de conseguirem ser contratadas) e a importância social dos símbolos e da performance.

Os objetos, por mais que sejam importantes por todas as razões acima citadas, também oprimem as mulheres travestis. Existe sobre elas também a pressão da perfeição que existe sobre as mulheres cis já exploradas no capítulo anterior. Raissa Éris Grimm, mulher transexual escritora colaboradora do blog *blogueiras feministas* escreve no texto *o conceito de cisgenderidade e o transfeminismo*¹³ que, diante de um discurso que deslegitima o gênero de mulheres transexuais, as tratando como artificiais e naturaliza as mulheres cis como sendo “mulheres de verdade”, “bio mulheres”, caberia às mulheres trans apenas fazerem o melhor possível para tentar se adequar aos padrões de comportamento e estéticos, seja por meio de intervenções hormonais, estéticas ou o que for necessário para se tornarem o mais parecidas o possível com as “mulheres reais”¹⁴. “Fomos investidas pela biomedicina

¹³ Consultado em 13/11/2016, disponível em <http://blogueirasfeministas.com/tag/transfeminismo/>.

¹⁴ Idem.

para construir um culto ao seu poder de transformar o corpo num material plástico e 100% transmutável — ao sabor dos mágicos dedos dos hipercirurgiões, nossos “salvadores” (GRIMM, Raissa)¹⁵ Contudo, mesmo com todas intervenções imagináveis, essa posição de mulher “real” é inatingível, seja pela questão cromossômica, pela história de vida, pela estrutura reprodutiva... Por mais “passáveis” que as mulheres trans possam ser, a sociedade sempre vê nelas uma artificialidade, uma falsidade, até como se estivessem tentando “enganar” alguém. Para a blogueira, é aí que entra o transfeminismo pois nele há o “entendimento que não basta oferecermos formas de adequar pessoas trans nos padrões sociais impostos, mas que precisamos transformar os padrões sociais impostos para que possam acolher e dar inteligibilidade à multiplicidade de corpos trans”.¹⁶ Essa mudança de padrão presume mudar a forma como percebemos o gênero e as pessoas cis, bem como percebemos as pessoas trans.

Implica entender que a construção do seu sexo [se referindo às pessoas cis], do seu gênero são tão artificiais e fictícias quanto as nossas (...), implica entendermos que pessoas cisgêneras são tão artificialmente construídas quanto pessoas trans. Mas, os lugares políticos dessas ficções e tecnologias são diferentes. É a partir desse entendimento que falarmos de “mulheres com pênis”, “homens com vagina” ganha sentido: não estamos buscando nos adequar aos seus conceitos sobre o que é ser mulher ou homem, estamos buscando transformar seus conceitos sobre o que significa ser “uma verdadeira mulher” ou “um verdadeiro homem”, para entendermos que essa verdade é algo que não existe para nenhuma de nós, a não ser no espaço da construção política das nossas narrativas (GRIMM, Raissa, 2016)¹⁷

A opressão de gênero e a relação com os objetos e com o próprio conceito de feminilidade e do que é ou não ser mulher é complexificada, como bem expressa Sasha no quadrinho abaixo:

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem

¹⁷ Idem

Sasha

A LEOA DE JUBA

POR
SAMIE CARVALHO

EM: DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

"QUALQUER SEMELHANÇA COM A REALIDADE NÃO É MERA COINCIDÊNCIA..."



Quando Sasha aponta o privilégio cis ela está se referindo ao privilégio que mulheres cis têm de ninguém negar que são mulheres. Por mais que seja mal visto socialmente uma mulher nascida com vagina não se depilar ou nunca usar maquiagem, ninguém nega seu gênero. Já a mulher trans tem seu gênero questionado diariamente. Ao não aderir a todas formas de expressão do feminino, esse questionamento é intensificado. Então podemos entender que há aí uma relação ambígua com estes objetos: ao mesmo tempo que seu uso pode ser libertador por lhes ter sido negado anteriormente, elas são ainda mais prisioneiras de seu uso, uma vez que dependem deles para tentarem serem vistas e aceitas como mulheres.

3.1 ENTREVISTAS

Ambas as entrevistadas se consideram feministas e fazem parte de movimentos políticos, ou seja, elas fazem reflexões e debates em torno do que é ser mulher, do que os objetos significam. A primeira entrevistada tem o nome fictício Nina, 19 anos, superior incompleto, é uma transexual branca e começou recentemente a transição. A segunda entrevistada chamaremos de Tânia, tem 22 anos, ensino médio completo e é uma transexual branca que já transicionou há anos.

3.1.1 Entrevista com Nina (nome fictício)

Nina relata ter conhecido o salto alto por meio de sua avó. Não que esta lhe tivesse apresentado ao salto, mas ela usava e Nina sabia onde encontrá-los, e furtivamente os experimentava: “Eu andava, meio que desfilava assim pelo corredor do quarto dela quando não tinha ninguém em casa. Uma memória que eu tenho era de fazer isso muito de manha assim que ninguém tava acordado ainda”. Embora suas primeiras experiências tenham talvez sido casuais: “eu simplesmente achei, achei bonito e coloquei”. Havia uma plena noção de que era proibido, tanto que ela limitava sua experimentação aos momentos em que não havia ninguém a observando. Nina sabia que não se sentia plena como homem, mas não sabia bem ainda o que procurava. Suas aventuras no armário da avó eram mais tentativas de encontrar uma identidade mas sem saber ao certo o que estava encontrando: “Eu acho que naquela época eu tava tentando, tava colocando procurando alguma compatibilidade”. Com o tempo as sensações com estes objetos foram se intensificando e ela se pegava desejando usá-los. “Não que eu estivesse plenamente consciente do por que eu queria usar, era simplesmente uma vontade e aí, mais posteriormente que eu fui ver que eu me agradava com todas essas coisas em mim. Antes me agradava que essas coisas existiam”. Foi só com a experimentação de fato que Nina foi percebendo que se gostava com aqueles adereços, que eles faziam sentido pra ela e nela e que não precisava ser uma mera espectadora daquilo que desejava, mas que podia ser o sujeito. “O primeiro vestido que eu usei foi uma sensação maravilhosa. Eu nunca me senti tão bem. Foi um vestido preto, até hoje eu tenho ele guardado”. Nina relata que quando aderiu às peças que queria usar se sentiu liberta. Sentiu-se feliz: “(...) quanto tempo da minha vida eu não usei as coisas que eu gostava. Que eu gostava de como ficavam em

mim. Eu gastei tanto do meu tempo sendo infeliz, vivendo daquela forma e aí, nesse sentido, eu tava muito emocionada porque eu gostava muito do que eu estava vendo em mim, mas ao mesmo tempo eu fiquei triste porque eu não podia fazer isso antes. Não tinha a coragem de fazer... de ser eu mesma.”

Quando perguntei sobre o batom, Nina relatou que demorou a se adaptar a ele pois não tinha tido muitas experiências. Por mais que ela achasse bonito, havia um certo estranhamento. Não havia existido uma experimentação anterior: “(...) lembro que não era uma coisa que eu achava muito bonita em mim, mas é porque também eu nunca tive muitas experiências quando pequena com o batom (...) o primeiro batom que eu comprei foi um batom rosa tutti frutti, a primeira vez que eu experimentei ele eu amei, aí nunca mais eu larguei ele.” Ela entende o batom também como um elemento de auto expressão. Ele é uma forma que ela tem de mostrar quem ela é, apesar dos rótulos que lhes foram impostos ao longo da vida “[serve para] mostrar que eu, que eu não tenho essa expressão bruta assim. Como a maioria das pessoas pré conceberam em todas as minhas fases da minha vida”.

A base não foi vista como algo de muita expressividade para Nina. Ela a entende mais como algo que lhe dá possibilidade de mudar a tonalidade da pele e brincar com isso, mas nada muito além. Suas primeiras experiências com esta maquiagem foram quando começou a experimentar maquiagens em geral. Ela conheceu todas em momentos próximos, não houve um interesse inicial específico por nenhuma.

Nina fala ainda sobre a importância de se analisar o local de fala quando se quer entender o que os objetos significam: “Eu penso que... todos os demarcadores de gênero, todos os objetos que demarcam feminilidade, masculinidade, eles são objetos puramente de expressão e aí a expressão muitas vezes, ela é libertadora dependendo de aonde te posicionaram na situação né. (...) eu tinha muitos pelos e eu nunca gostei dos meus pelos. Eu sempre quis tirar os meus pelos. Pra muitas mulheres é emancipador deixar os pelos crescerem. Pra mim era emancipador poder tirar meus pelos, porque desde criança eu nunca pude pensar em tirar meus pelos.” Para ela, é simples: “tudo são expressões e dependendo te obrigam a expressar desde que tu nasceu, pode ser muito, muito ruim.”

3.1.2 Entrevista com Tânia (nome fictício)

Tânia iniciou também falando sobre o salto alto. Ela escolheu começar por ele por achar o mais problemático pra ela, uma vez que ela tem 1,71m e se achava muito alta pra usar salto: “Na minha estratificação social se dizia que mulher baixinha que tinha que usar salto, que ficava bonito”. Tânia percebe a construção social relacionada à altura e questiona isso: “É problemático, né?! Tu te restringir por causa de uma sociedade, por tu ficar mais alta.”. Ela fala que vem tentando desconstruir esta ideia, que hoje em dia consegue usar e que gosta. Ela foi comprar salto por começar a se perceber sexy e atraente quando usava em suas experimentações, mas ela ainda assim prefere usar quando está sozinha, pois assim ela não se sente tão mais alta do que as pessoas com quem convive. Mesmo antes de começar a usar de fato o salto, havia o desejo. “Antes eu saía de vestido, tentava sempre comprar sapatos baixos assim, que combinassem com o vestido, etc. Só que não era no contexto que eu queria. Eu queria usar salto, né? Eu queria ter aquilo de usar salto também. Que fica bonito. Deixa a perna bonita.”

Ela relata ter conhecido o salto por meio da observação de sua mãe e afirma saber ter diferença em como se deu essa aproximação por ser uma mulher trans: “eu adorava, colocava né. Enquanto meu pé foi 36 eu usava os saltos dela [se referindo à mãe], quando meu pé foi pra 38/39 aí eu tive que... mas aí eu já era... eu já tava transicionando né, então... foi mais tranquilo porque eu comecei a comprar os meus saltos próprios”. Quando ela conta sobre seu primeiro salto pode perceber uma carga emocional intensa. Há um grande carinho por essa memória:

“Eu me lembro do meu primeiro salto. Oficial. Meu assim. Ai... que pena que eu não pude guardar numa caixinha assim porque ele era muito lindo, muito lindo, muito (...) o salto era rosa, com um tope rosa! Só que era um rosa super rosinha, assim bebê, assim sabe? Super delicadinho. E uns negocinhos, uns douradinhos. Foi meu primeiro salto. E eu destruí ele de tanto que eu andei com ele. Ai, foi a melhor experiência da minha vida. Se eu pudesse ter guardado ele numa caixinha... tem coisas que a gente queria ter guardado né?”.

Tânia tem uma visão positiva sobre o salto, por mais que ela afirme que doía no início e que lhe foi custoso aprender a andar com eles, ela fala que entende que ele representa empoderamento e sensualidade.

Quando perguntei sobre a base, Tânia o associou ao pó e pediu para falar de ambos juntos. Ela diz que só os usa quando vai sair para festas, nesses momentos

ela faz a maquiagem completa: batom, sombra, base pó. Mas fora dessas situações ela raramente usa hoje em dia, mas quando ela começou a transição a base e o pó eram bastante importantes para ela: “Eu usava a base porque... a maquiagem escondia a barba, escondia.. né, essa característica secundária que me lia masculina, né, então eu usava bastante base e bastante pó. Bastante. Camadas e camadas. Depois que eu fui fazendo um tratamento que foi tirando né esses pelos, eu... eu consegui usar menos maquiagens. Daí eu não uso mais hoje em dia”. Ela conta ter conhecido a base, o pó, o batom. Enfim, todas as maquiagens da mesma forma: ela foi a uma farmácia e disse que precisava de algo pra se maquiar, então a vendedora lhe auxiliou e lhe explicou um pouco sobre os produtos. O resto ela foi descobrindo sozinha ou pela internet, pois ela não tinha amigas que lhe dissessem pra se maquiar ou como fazer isso, nem familiares que a apoiassem e lhe dessem indicações. Hoje em dia ela acredita que seja mais fácil, pois existem diversos tutoriais na internet de maquiagem, tais como vídeo-aulas no Youtube. Na época havia bem menos, mas isso não a impediu de conseguir encontrar as informações que queria.

Tânia conta que, no início, sentia vergonha de usar batom por achar seus lábios muito grossos, mas ao encontrar uma cor que ela gostasse isso mudou: “(...) Eu tinha vergonha de colocar batom vermelho porque a minha boca é muito grande então ficava... meio estranho. Aí eu comecei a usar os nude e comecei a ver várias nuances de batom nude. Que é lindo! Tem batom cinza! Que é lindo!”. Para ela, o batom é um símbolo de sensualidade e de feminilidade e é uma forma rápida de ela se sentir bonita, pois ela pode passar em qualquer lugar “eu passo o *gloss* no onibus e já vou bonitinha no ônibus, já chega bonitinha na aula e já passo o dia inteiro bonitinha”.

Embora Tânia tenha falado bastante sobre se sentir mais poderosa e sensual com os objetos a maquiagem, ela também afirma sentir uma opressão por conta da indústria cosmética “(...) tem a ver com a opressão também sim, mas tem a ver com, também um... um que de a gente se sentir mais da gente. Se cuidar. Acho que se maquiar faz parte de se amar. Tem dois polos isso. É polarizado. Oprime, mas tu te ama te maquiando, te arrumando”. Há um sentimento misto. Embora seja empoderador, a pressão para o uso é também opressora.

3.2 Considerações sobre as entrevistas

Em ambos os casos houve uma vigilância constante do gênero, um cuidado dos pais para que suas filhas (então taxadas de filhos) se mantivessem afastadas de objetos femininos, bem como uma pressão social para tanto. É de novo a necessidade de se provar, reprovar e provar novamente a masculinidade, pois ela se constitui fragilmente a partir da suposta superioridade em relação ao feminino (Kimmel, 1998). Ambas tiveram os primeiros contatos com o salto e com a maquiagem por meio da mãe, mas por vê-las usando, não por serem ensinadas a usar ou por serem presenteadas, como ocorreu com as mulheres cis. Apenas Tânia relatou ter sentido uma importância no uso da base em sua transição, mas pode ser por ela ter transicionado há mais tempo e, portanto, já adquiriu mais conhecimentos sobre maquiagens e seus usos. Aprender sobre o uso destes objetos requer tempo e esforço e é uma construção que demora anos. Acredito que essa diferença do tempo da transição esteja também relacionada ao fato de que Tânia fez a crítica da mídia e dos usos de objetos; já Nina apenas se mostrou empolgada com eles e feliz com finalmente estar podendo usá-los.

Achei interessante que ambas lembram com clareza e com afeto das primeiras experiências com estes objetos. O mesmo não ocorreu com mulheres cis. A questão da maquiagem pode estar associada à idade, pois somos introduzidas a elas desde bastante jovens e aos poucos, muitas vezes é difícil identificar quando foi o primeiro uso. Mas o mais chamativo creio ser a questão do carinho pelo uso, tanto na época quanto hoje em dia. As mulheres cis podem ter relatado terem sentido algum carinho nas primeiras vezes, mas isso não se mantém.

Creio que o que as entrevistas trouxeram vai muito ao encontro com o que foi mostrado pela bibliografia, pelos blogs e quadrinhos. As relações são diferentes para mulheres cis e trans.

Lembrando que ambos os grupos eram compostos de mulheres brancas. Nos seguintes capítulos analisarei se e como a questão étnica afeta estas percepções.

4 MULHERES NEGRAS CISGENERO

4.1 Ser mulher e negra no Brasil

No primeiro capítulo foi apresentado alguns dados sobre como é ser mulher no Brasil. Segue aqui alguns dados sobre o que é ser uma pessoa negra no Brasil e o que é ter ambos os marcadores: ser mulher e negra.

Em 2015, o *Mapa da Violência* sobre homicídios entre o público feminino revelou que, de 2003 a 2013, o número de assassinatos de mulheres negras cresceu 54%, passando de 1.864 para 2.875 (dados da OMS).

Mesmo assim, segundo dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os negros representavam apenas 17,4% da parcela mais rica do país, em 2014. Segundo o IBGE, os negros (pretos e pardos) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população. Os brasileiros que se declaravam brancos eram 45,5%. Na parcela dos 1% mais ricos, 79% eram brancos, em 2014. Em 2004, havia 12,4% de negros e 85,7% de brancos nesse grupo. Por outro lado, na população que forma o grupo 10% mais pobre, com renda média de R\$ 130 por pessoa na família, os negros continuam como grupo majoritário. O percentual aumentou nos últimos 10 anos. Em 2004, 73,2% dos mais pobres eram negros, patamar que aumentou para 76% em 2014. Esse número indica que três em cada quatro pessoas que estão na parcela dos 10% mais pobres do país são negras.

As mulheres negras brasileiras ainda não alcançam nem 40% do rendimento total recebido por homens brancos, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) 2014¹⁸. Este é mais um exemplo de como o mercado de trabalho brasileiro segue marcado por importantes desigualdades de gênero e de raça, apesar de, em 2014, as mulheres terem ultrapassado pela primeira vez o patamar de 70% da renda masculina – dez anos antes, a proporção era de 63%. Os homens continuam ganhando mais do que as mulheres (1.831 reais contra 1.288 reais, em

¹⁸ Consultado em 20/11/2016, acesso em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/03/mulher-negra-ganha-menos-de-40-do-que-homem-branco-no-brasil-5083605.html>

2014); as mulheres negras seguem sendo a base da pirâmide (946 reais, em 2014) e, homens brancos, o topo (2.393 reais no mesmo ano)¹⁹.

4.2 A mulher negra na indústria cultural: invisibilidade e violência

Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2014 pelo IBGE, 53% da população brasileira se autodeclara afrodescendente ou parda, mas, ainda assim, raramente as vemos na grande mídia, seja em filmes, comerciais ou desfiles. Uma pesquisa realizada pela Heads Propaganda, que, entre os dias 25 a 31 de janeiro de 2016, monitorou 24 horas por dia dois dos principais canais da televisão brasileira aberta e fechada, a Globo e o Megapix, demonstrou que apenas 1% das mulheres em peças publicitárias e filmes eram negras²⁰. A situação é clara: a beleza vendida nas propagandas (e, por consequência, a que habita nossos imaginários) não é para mulheres negras. "Posso contar nos dedos os comerciais de shampoo que mostram nossos cabelos e alternativas para tratá-los"- escreve em 2016, Larissa Santiago, 28 anos, publicitária e membro do coletivo *Blogueiras Negras*²¹. E nesses 1% das vezes que a mulher representada é negra, como ela aparece? Já sabemos que o padrão de feminilidade reproduzido pela grande mídia é o da "bela, recata e do lar", como sintetizou a revista *Veja* neste ano de 2016 em uma matéria sobre Marcela Temer, que, no fundo, queria exemplificar como toda mulher deveria se portar. Toda mulher branca e cisgênera, para ser mais exata. Mesmo sendo "bela, recatada e do lar", esse espaço de esposa, dona de casa e *socialite* não visa ser ocupado pelas mulheres negras e trans. Uma propaganda veiculada em 2010 e 2011 produzida pela cervejaria Devassa dizia "é pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra".

¹⁹ Idem

²⁰ Consultado em 20/11/2016, acesso em <http://www.b9.com.br/61418/advertising/menos-de-20-dos-comerciais-contribui-para-a-equidade-de-genero-e-raca-no-brasil/>

²¹ Consultado em 20/11/2016, acesso em <http://blogueirasnegras.org/2016/05/04/representatividade-da-mulher-negra-nas-propagandas-o-que-dissemos/>



Esta propaganda exemplifica como é vista a mulher negra em nossa sociedade. Não existem comerciais de margarina com famílias felizes em que a mulher (ou qualquer outro integrante) é negra. As donas de casa, as “belas , recatadas e do lar” são brancas. A negra é a sedução, a amante, a garçonete, a faxineira. Obviamente, não é de hoje que a mulher negra é assim representada no Brasil. Aluizio de Azevedo, em *O Cortiço* nos dá outra amostra de como a sociedade brasileira via a mulher negra nos idos de 1890: “Mas, ninguém (dançava) como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante”. (AZEVEDO, Aluizio, 1980, p.48). Entre a propaganda de 2011 e o livro de 1890, parece que pouco mudou sobre como o Brasil vê a mulher negra. Mas, como esse imaginário afeta essa mulher? Como afeta sua vida e a forma como ela se vê?

Gleide Davis, mulher, negra e periférica escreve:

(...) ser mulher é ser violentada física ou sexualmente a cada 12 segundos no Brasil, ser negro, é ter 80% de chances de sofrer violência policial (sem precedentes), ser mulher e negra, é sofrer com a estigmatização da minha cultura, da minha aparência, é ter de construir todos os dias a minha autoestima enquanto mulher, pois eu não sou representada nos principais meios midiáticos, a minha beleza é censurada, tida como algo inexistente, o não normal, o não belo, o não perfeito. E o impacto gerado por essa estigmatização, me atinge em vários níveis; tangíveis e intangíveis, tais como os relacionamentos heterossexuais ou não. (GLEIDE, Davis 2015)²².

Gleide escreve ainda que pouquíssimas mulheres negras conseguem se estabelecer em relacionamentos. Elas são deixadas por seus maridos ou têm relacionamentos extraconjugais. E, quando têm filhas e/ou filhos, criam los sozinhas. Elas já cresceram vendo suas mães, tias, avós. Criarem, também sozinhas, suas filhas e filhos. E os dados confirmam o que Gleide vê. De acordo com o censo de 2010 do IBGE, 52,89% das mulheres negras estão solteiras.

As mulheres negras cisgênero crescem sendo condicionadas, como toda mulher, a desejar o casamento e relacionamentos românticos, mas crescem vendo que isso lhes será negado, pois o desejável é a mulher branca. Nas palavras de Gleide:

ver-se colocada como segunda opção, pois nós mulheres e negras, somos colocadas como as ‘mulatas de carnaval’, num turismo sexual completamente exacerbado frente à mídia brasileira que nos vende como meras bundas carnavalescas, e isso impactando diretamente nos relacionamentos, faz com que eu esteja colocada no lugar da amante, da fogosa, da “boa de cama”, da “mais quente”, a que desperta desejo, mas nunca amor/paixão. GLEIDE, Davis (2015).

É a solidão da mulher negra, esta mulher que “mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’.

A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres

²² Consultado em 22/11/2016, acesso em <https://feminismoemdemagogia.wordpress.com/2015/05/29/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>

desregradas' deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado" (hooks, 1995, p. 469).

Os traumas causados por toda essa invisibilização são profundos e precoces. Em uma entrevista para o *Estado de S. Paulo*, em 2016, Karol Conka, mulher negra, cis e *rapper* afirmou que toda criança negra não se aceita e que por isso que ela tanto grita sobre isso hoje em dia. Karol tem sido considerada uma das maiores rappers brasileiras da atualidade e tem ganhado bastante destaque na mídia o que ela considera positivo também por uma questão de representatividade negra: "Quando tem um artista falando de aceitação, fica mais fácil se identificar. Aí você desliga a televisão, em que está passando uma pessoa padrão, e vai para a internet encontrar a pessoa que fala o que você quer ouvir, não importa a cor da sua pele ou status social"(Comka, em entrevista para *Estadão*, 2016) ²³ Mas não apenas a grande mídia gera impacto. A entrevistada Cândida conta que foi se empoderando vendo mulheres negras no *tumblr* e a partir disso foi aprendendo a ver sua própria beleza e a se imaginar usando estes objetos:"(...) foi além do cabelo assim, porque além disso eu ficava "nossa, que lindo esse batom com a cor dela e com o cabelo dela!" "ai, que lindo o olho dela e como ela pinta", então... isso meio que veio junto assim. Tanto a questão do meu cabelo quanto a questão da maquiagem. Então ao passado, quando eu cortei meu cabelo (...) essa questão de tanto vendo o cabelo delas tipo "ah, olha só, também pode ser bonito assim" também veio algo tipo, ah, eu também poderia usar um batom, fica legal, e eu podia também botar uma base... que também fica legal assim, assim, assado. E daí, desde esse momento do ano passado eu venho usando mais, usando base, usando batom."

Outra *rapper* da atualidade, Negra Jaque, em uma entrevista para a revista *Donna*, em 2016, também falou sobre a dificuldade de se aceitar e sobre as imposições sociais que seguiam afirmando que sua cor e traços eram feios. Contou que era comum ouvir que seu nariz era feio e que precisava alisar o cabelo para "baixar o volume", e que chegou até a ser aconselhada a não usar batom para não evidenciar

²³ Consultado dia 21/11/2016, aceso em <http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-beleza,a-gente-e-mais-feliz-quando-se-aceita-diz-rapper-karol-conka,10000073777>.

seus lábios grossos. Vitória Santa Cruz, artista negra peruana em seu poema *Me gritaron Negra*, expressa ter passado pelo mesmo sofrimento por conta de sua etnia:

(...)Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda
mi pesada carga
¡Y cómo pesaba! ...
Me alacé el cabello,
me polveé la cara,
y entre mis cabellos siempre resonaba
la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
Hasta que un día que retrocedía,
retrocedía y que iba a caer (...)
(Santa Cruz, 1972)²⁴

Os traços e qualidades próprias das mulheres negras são vistos como negativos. Os cabelos devem ser alisados, as peles clareadas, os lábios reduzidos. É uma violência constante. É uma negação da negritude.

Além de a mulher negra ter seus traços negativados e praticamente não existir na mídia, ela é ignorada pela indústria cosmética. Em novembro de 2016 entrei em dois sites de marcas de cosmético de grande abrangência: o Boticário e a Panvel. Na Panvel verifiquei as tonalidades de duas bases: a airbrush e a base líquida da Vult. A primeira tinha cinco tonalidades, as cinco para peles brancas, sendo que uma delas era “nude” e se pretendia como um tom neutro. Ou seja, a pele branca é a pele “neutra”. A base da vult possuía 8 tonalidades, sendo 6 para peles brancas e dois tons bastante claros para peles negras. No Boticário a situação não é muito diferente. O pó compacto tinha 4 tons, apenas um para peles negras (sendo que era novamente um tom bastante claro). O pó “intense” tinha um dos seis tons para pele escura e, novamente, essa tonalidade era bastante clara. A mensagem aqui parece

²⁴ Consultado em 21/11/2016, acesso em disponível em <https://negracubanateniaqueser.com/somos-negras-cubanas/me-gritaron-negra-de-victoria-santa-cruz/>.

direta: a pele negra não só não merece ser celebrada como deve ser escondida. Em um texto no Facebook compartilhado por páginas militantes, uma ativista negra escreveu “Nós, que fomos criadas para sermos frágeis bonequinhas de porcelana..”(...)Cara, QUEM foi criada pra isso? Quem tem "cor de porcelana"? Quantas mulheres negras cresceram ouvindo que são bonequinhas? Qual era a cor das nossas bonecas? (...)”.²⁵Nessa passagem fica evidente que há uma diferença nas lutas das mulheres negras e das mulheres brancas. Negra Jaque também falou sobre este tema em uma entrevista para revista *Donna*: “Enquanto as brancas estavam queimando sutiã para poder trabalhar, nós estávamos trabalhando há muito tempo. Elas brigavam para trabalhar fora e quem assumia os cuidados com os filhos delas eram as negras. Isso vai muito além, é uma questão histórica. As vivências e violências são diferentes.” Cândida corrobora com este relato, ela entende que a maquiagem e o salto estão sujeitas a diversas interpretações e compreensões, dependendo do lugar de fala da pessoa que usa: “Acho que podem ter muitas visões, muitas interpretações hahaha que tipo, ouvindo de tipo mulheres trans que a gente trabalha lá no centro e que são nossa colegas, ahn, elas contam o quanto usar um salto alto é um empoderamento, né, é uma força. E acho que isso serve de muitas formas para as mulheres negras também, porque é uma beleza que é... não é uma beleza, mas enfim, é uma identidade, é uma afirmação que meio que te é negada também porque tu vai querer te maquiar e não tem tipo batom que combine com a tua pele, não tem a base que combine com a tua pele nunca entendeu?”.

Cândida parece que não conseguia se ver como uma mulher bonita por ser negra. Sua pele, seus traços, seu cabelo. Tudo que representa sua negritude é apagado de novo e de novo das representações midiáticas. Tirando apenas um caso, não é a princesa negra que tem o final feliz nos filmes da *Disney*. Não é a mulher negra que aparece nos romances. Não é a mulher negra que aparece nos comerciais, nem é ela que é representada como a menina bonita que todos os homens desejam nos seriados. Cândida cresceu aprendendo pela televisão que o amor, a beleza e os finais felizes eram coisa de gente branca. Como ela mesma, apenas por ela, poderia se entender como bonita ou acreditar que seria amada se isso nunca lhe foi apresentado nem se quer como uma possibilidade? O uso da maquiagem aqui aparece como algo positivo, pois é por meio dela também que ela passou a

²⁵ Comentário pessoal realizado no *Facebook*. A identidade será mantida em anonimato.

conseguir se ver como atraente. Ela critica a invisibilidade que o movimento feminista dá para esta pauta e a forma negativa e taxativa como ele vê a maquiagem e o salto, desconsiderando as histórias pessoais das mulheres que usam estes objetos e os lugares da onde vieram, mas sem desconsiderar a opressão que eles causam: “(...)parece que teve uma festa entendeu? Teve uma festa e daí a gente chega na festa, agora que a gente tá chegando pra festa, a festa acabou. Tipo, bah, não, isso aí não é mais legal não. Daí, como assim? A gente vai tá sempre atrasada pra festa então? A gente não vai poder usar? Porque a gente tá sempre atrás? Então eu acho que as pessoas resignificam as coisas sabe? E, se tu, depende muito dos marcadores delas e tal, das vivências. Então eu acho que existe essa... ahn... redefinição das coisas assim. Vai muito de cada um. Mas também acho eu o salto alto, a ditadura do batom.... isso também tem um lado negativo assim.”

Quando falamos sobre feminismo, sobre indústria cultural ou sobre a opressão estética, sobre que mulheres estamos falando? Falamos sobre a mulher branca como se falássemos sobre todas. Falamos sobre a mulher cis como se falássemos por todas. Sobre a mulher de classe média, sobre a mulher hetero... ignoramos as opressões interseccionais existentes dentro dos grupos. Quando usamos apenas uma parte do grupo para falar sobre todo ele nós invisibilizamos todo o resto. Em um discurso apelidado de *ain't I a Woman?* (eu não sou uma mulher?), feito de improviso em 1852 por Sojourner Truth, ex-escrava, ela argumenta que ao se colocar a mulher branca e suas vivências como únicas, o que se estava dizendo era que ela não era uma mulher, pois aquilo não a contemplava.

Outra questão importante a ser comentada aqui é a da classe. A entrevistada Alana contou que foi de fato usar maquiagem por conta do trabalho: “(...) tinha que me maquiar então era uma imposição do lugar onde eu trabalhava (...). Tinha que estar maquiada e muito arrumada e tal”. Nenhuma das entrevistadas brancas relatou algo assim e, como mostram os dados do início do capítulo, existe sim uma diferença de classe por conta da etnia.

Não pretendo de forma alguma deslegitimar as lutas do feminismo, nem diminuir as violências cometidas contra mulheres brancas. O que pretendo aqui é complexificar as formas como entendemos essa opressão a fim de entender como estas mulheres se sentem, se veem e veem o mundo.

4.3 Entrevistas

As entrevistadas para este capítulo são mulheres negras cisgênero. Ambas estão na graduação, se consideram feministas e são ativistas do movimento feminista e do movimento negro. Cândida milita pela causa trans também, ela tem 22 e Alana tem 24.

4.3.1 Entrevista com Cândida (nome fictício)

Cândida relata que conheceu o salto alto pela mãe, que tem diversos modelos, cores e usa com frequência, mas ela nunca se interessou muito. Quando ela ia comprar calçados com sua mãe, ia desde sempre nos tênis, nunca nos saltos. Ela usou salto apenas uma vez em sua formatura de ensino fundamental, mas depois disso, nunca mais. Suas amigas e sua mãe tentaram lhe ensinar a usar diversas vezes, mas ela nunca conseguiu aprender e nunca insistiu muito também. Aprender a andar de salto é doloroso, trabalhoso e exige empenho e Cândida afirma não ter paciência para isso e que é feliz como é. “Eu acho que é importante a questão de... eu não querer mais, de eu não querer aprender. De eu ter desistido. Eu sou feliz do jeito que eu sou não sabendo anda de salto”. Mas ao mesmo tempo ela relata sentir ainda assim pressão para usar o salto. Ela vai viajar para fazer um intercâmbio em Portugal em 2017 e se percebeu com medo de não usar salto nas festas de lá, pois talvez a exigência fosse maior. Contudo, Cândida acredita que vai optar por continuar usando tênis, afinal, é assim que ela se sente bem. Como ela mesma disse: “All Star na veia, hahaha”.

Quanto ao batom, Cândida conta que conheceu pela “vó do batom”, que era mãe de seu pai e usava maquiagem, coisa que a mãe dela não fazia na época por ser evangélica. Devido à questão da religião, ela só foi ter contato com maquiagem na casa desta avó. Não era algo que ela tinha disponível em casa. Na casa da avó ela se pintava com batom e outras maquiagens, o que sempre gerava uma briga em casa na volta, pois ela não deveria fazer isso, mas ela se divertia, então seguia agindo assim. “Eu voltava pra casa ‘ai, porque a minha vó botou batom, porque ela fez isso, ela fez aquilo’ uahuah”. Sua avó foi também quem lhe deu seu primeiro kit sério de maquiagem. Sua avó, contudo, morreu quando ela tinha 10 anos, o que a fez se distanciar destes objetos por um tempo. Durante a adolescência ela novamente se aproximou pois estava infeliz com a sua pele, mas não durou muito, já

que ela não tinha nem paciência para ficar passando as maquiagens, nem prática: “(...) Vou tentar maquiagem, vou tentar maquiagem, daí e perguntava pras minhas colegas: “tá, como é que se usa?” daí eu comprava, daí eu tentava algumas vezes, daí eu total desistia assim uahauhauh sou total da desistência (...) “ah, não ta dando certo” “não combina” “fica estranho”, daí era sempre nessas desistências assim, tanto no salto quanto na maquiagem”. Ano passado, porém, Cândida resolveu novamente se aventurar pelo mundo das maquiagens. Isso ocorreu na mesma época em que ela cortou seu cabelo curtinho para fazer a transição para voltar a ter o cabelo natural (antes ela alisava com química). Ela diz que foi se empoderando vendo mulheres negras no tumblr e a partir disso foi aprendendo a ver sua própria beleza e a se imaginar usando estes objetos.

“(...) foi além do cabelo assim, porque além disso eu ficava “nossa, que lindo esse batom com a cor dela e com o cabelo dela!, ‘ai, que lindo o olho dela e como ela pinta’, então... isso meio que veio junto assim. Tanto a questão do meu cabelo quanto a questão da maquiagem. Então ao passado, quando eu cortei meu cabelo (...) essa questão de tanto vendo o cabelo delas tipo “ah, olha só, também pode ser bonito assim” também veio algo tipo, ah, eu também poderia usar um batom, fica legal, e eu podia também botar uma base... que também fica legal assim, assim, assado. E daí, desde esse momento do ano passado eu venho usando mais, usando base, usando batom.”

Geralmente as vertentes do feminismo que mais chamam atenção e estão em pontos centrais das discussões são as do feminismo branco, portanto, a visão que se tem tendem a excluir as vivências de mulheres negras e trans. Cândida sente e ressalta isso em sua fala. Ela percebe que muita da divergência de como ela entende estes objetos e de como eles são tratados em ambientes como o grupo *marcha das vadias* (grupo feminista online e presencial) se deve ao fato de ela ser negra e as meninas nestes ambientes serem predominantemente brancas.

4.3.2 Entrevista com Alana

Alana conheceu o salto alto por meio de sua mãe: “Eu lembro de alguns calçados antigos da minha mãe. Foi ali que eu comecei a ver, comecei a interagir com o salto alto e ver o salto alto.”. Ela conta que seu maior interesse era em como as mulheres conseguiam se equilibrar naquilo e andar porque parecia (e de fato é) muito difícil.

Fora essa curiosidade, ela nunca teve maiores vontades de usar este calçado e não o usa em seu cotidiano.

Da maquiagem Alana se aproximou mais quando começou a trabalhar, pois era obrigada a usar pela empresa que a havia contratado. “(...)tinha que me maquiar então era uma imposição do lugar onde eu trabalhava (...) Tinha que estar maquiada e muito arrumada e tal”. Apesar de ser obrigatório, Alana gostava de usar o batom. “fazia eu me sentir mais bonita. Tanto que até hoje assim a maquiagem é passar o batom (...) quando eu vejo uma pessoa de batom eu vejo ela mais empoderada.” Já da base ela não gostava, diz que se sentia artificial e só usava porque era obrigada mesmo: “Ela é muito a sensação de máscara mesmo, tipo, tu tá te escondendo atrás daquilo ali. É estranho eu não sentir isso com o batom, mas com a base eu sinto. Essa coisa de esconder imperfeição... eu acho muito louco. Tem vezes até que eu já vi pessoas que tem uma pele ma-ra-vi-lho-sa, que são lindas e que, enfim, passam aquela base desnecessária”. Contudo, mesmo com a base, houve um tempo em que ela gostou de usar. “Eu não gostava, mas por muito tempo eu usava. Bah, eu me sentia outra pessoa. Nossa, eu me sentia perfeita, o que eu não achava possível, ainda que eu não quisesse usar e que aquilo machucava minha pele, que era pesado, depois de um tempo, eu comecei a realmente atribuir isso de realmente ficar perfeita com a base. Mas assim que eu pude não usar mais, daí eu nunca mais usei base, muito raro eu usar base. E eu acho que comecei a me enxergar mais depois que eu parei de usar base.”.

Apesar de ter aprofundado seu contato no trabalho, Alana conheceu a base e o batom por causa de sua mãe.

4.4. Considerações sobre as entrevistas

Não é necessário usar maquiagem para se ser bonita, mas é muito fácil para mim enquanto mulher branca, cisgênero e padrão falar isso. Não sou eu que tive minha identidade apagada dos principais meio de comunicação. Quando elas falam sobre se sentirem bonitas por meio do batom, aprenderem a se valorizar pela maquiagem, temos que percebê-las como mulheres negras antes de mais nada. Existe uma significação mais profunda do que é se amar e se aceitar quando se é fora do padrão normativo de beleza. E quando se tem negado o amor. Candida falou que

tem sempre diversos *likes* e comentários em suas fotos do *Facebook*. “Diva”, “destruidora”, “abaixa que é tiro”. Mas ainda assim, todas as noites, ela volta pra casa sozinha. Cândia, assim como Alana, nunca teve um relacionamento romântico.

Ambas falaram bastante da questão do batom, o que me chamou atenção, uma vez que o batom delinea justamente a boca, que é um traço associado à negritude. Como ambas são militantes do movimento negro, imagino que façam este link. Alana, além disso, não gosta da base, fala que é como se fosse uma máscara. As bases que temos são embranquecedoras. No processo de ambas de se amarem e se sentirem mais bonitas (também) por meio do uso da maquiagem, elas, que são militantes, não se “embranquecem”; bem pelo contrário: exaltam seus lábios e se orgulham de sua cor.

5.1 MULHERES NEGRAS TRANSEXUAIS

Se há uma absurda invisibilização de pessoas negras e de pessoas trans, o que dizer das que são negras e trans? Este grupo é um grupo difícil de se trabalhar, pois praticamente não existe literatura específica a seu respeito e encontrar pessoas com os dois marcadores é bastante complicado. Mesmo quem faz parte da comunidade trans de Porto Alegre tem dificuldade de entrar em contato com estas pessoas, talvez por serem poucas, talvez por uma questão de classe, ou por juntar os dois marcadores, a mortalidade se torne grande o suficiente para que essas pessoas praticamente não existam mais. Por conta destes fatores, consegui entrevistar apenas uma mulher negra transexual. Além disso, não encontrei dados que cruzassem identidade de gênero e etnia, mas via de regra, quanto mais marcadores são adicionados a uma pessoa, maior é a violência a qual ela é exposta e não haveria por que ser diferente neste caso, ainda mais se considerarmos os dados violentíssimos apresentados nos capítulos anteriores sobre mulheres, mulheres negras e mulheres trans.

Maria Clara Araújo, mulher negra transexual e uma das escritoras do *Blogueiras Negras*, escreve sobre as dificuldades de ter em si a interseccionalidade de tantas lutas. No movimento negro, ela é mulher e trans. No feminismo, ela é negra e trans. No movimento LGBT, ela é mulher e negra (vale lembrar que dentro da comunidade LGBT também existe machismo e apagamento das mulheres):

(...)termos enegrecido o feminismo e *feminilizado* o movimento negro, vem a explicar nossas formas de termos percebido a importância de ter transversalizado as opressões, assim tendo entendido que gênero, classe e raça são discussões que precisam andar juntas, ao termos consciência da conjuntura de sociedade em que vivemos. Onde, em nossa vivência enquanto mulheres negras, não iremos ver só o gênero como o pilar de todas as opressões que vivenciamos (ARAÚJO, Maria Clara, 2015 em *Blogueiras Negras*)²⁶.

A importância da interseccionalidade neste caso é gritante. É impossível entender a identidade deste grupo sem que seja posta em pauta a complexidade do que é

²⁶ Consultado em 8 de janeiro de 2017, aceso em <http://blogueirasnegras.org/2015/05/22/mulher-trans-negra-e-feminismo/>

existir sendo minoria de tantas formas e em tantos grupos. Há que se fazer mais recortes. Mulher, negra, latino-americana e transexual, Maria Clara Araújo entende que este grupo é sempre taxado de travesti e que esta rotulação muito se relaciona com questões de “sujo”:

muito daí surge a dita diferenciação entre mulheres trans e travestis. Entendendo que a identidade travesti é latino-americana, a leitura social quanto as questões socioeconômicas é, sem dúvida, importantíssima para que o nosso meio nos divida em quais merecem ser transexuais, assim atribuindo um cunho higienizador ao termo e selecionando quais são travestis: as que têm sua existência relacionada com o sujo, à prostituição e marginalização como um todo. Mulheres negras que não se identificam com a designação homem em seu nascimento, quase sempre, serão lidas como travestis, porque a identidade transexual, nesse momento, só é atribuída para mulheres brancas, de classe média e que não precisaram recorrer à prostituição para continuarem se mantendo vivas²⁷

Ao pesquisar por “mulher negra trans” em novembro de 2016, no Google e no Duckduckgo (outro site de busca), o que mais encontrei foi menção à Maria Clara Araújo. Ela é tão comentada porque foi a primeira e aparentemente única mulher negra transexual a ingressar em uma universidade federal no Brasil. Tantas universidades, tantas milhares de vagas e só uma é ocupada por uma mulher trans negra. Esse dado grita violência e exclusão.

Quanto à entrevista realizada, Daniela, assim como as mulheres trans brancas, passou a usar maquiagem e salto alto apenas quando era mais velha e não foi introduzida a esses objetos por sua mãe. Suas primeiras experiências com o batom foram com os de sua irmã mais velha e ela conta que sempre “comia” um pedaço, pois assim achariam que ela estava com a boca pintada por ter comido batom, não por ter passado, reforçando a idéia da proibição destes objetos àquelas pessoas que passam pela infância e adolescência rotuladas como homens. Como a entrevista teve que ser feita por Facebook, acredito que muitas coisas podem ter sido perdidas.

²⁷ Idem

À mulher negra trans se soma a ela a solidão da mulher negra e a exclusão e ridicularização da mulher trans, o que a leva a uma existência ainda mais solitária:

Quem se relaciona conosco se vê frente a situações vexatórias porque está com um traveco (sic). O que leva a grande maioria desses rapazes a apenas cogitarem duas possibilidades: sexo casual ou relacionamentos às escondidas. É comum que nos deparemos com convites deliberados para realizar os fetiches de certos homens ou receber a proposta de um relacionamento dito como sério, mas que se resume a algo que fica apenas entre os dois envolvidos. Desta forma, explanando o quão vergonhoso seria para aquele rapaz se ver do lado de uma de nós e, nós, nos sujeitando a uma situação onde, claramente, não se há respeito (...) Mulheres que fogem do que é lido a partir de normas sociais como 'ideal', frequentemente, são sujeitadas a vivenciar no campo amoroso não só uma exclusão, mas frequente uma desvalorização e desrespeito, quando somos divididas em castas das que 'são pra comer' e as que 'são pra casar'. Sendo as para comer negras, gordas, trans e outras que fujam do padrão e as para casar, as que mais se aproximem de um modelo normativo²⁸.

Essa exclusão e invisibilidade são sentidas em todas as esferas. Desde a medicina, que não tem tratamentos e preparo adequado; passando pelo cinema e pela mídia que ignoram sua existência; e até na academia, que não produz a seu respeito. A mulher negra e trans não parece existir. Recentemente, no seriado estado unidense *Orange is the new Black*, produzido pela Netflix, houve uma personagem negra e trans, Sophie Burset, interpretada por uma mulher negra e trans, Laverne Cox. Esta foi uma pequena vitória e um pequeno espaço de visibilidade, mas, até onde eu encontrei, este é o único caso. Quando falamos deste grupo, estamos ainda nos primeiros passos, começando a engatinhar em direitos e representações. São sempre as primeiras e sempre no singular. A primeira mulher negra trans na universidade, a primeira atriz, a primeira personagem. Os casos ainda são poucos e raros, mas acredito que contribuem e espero que dentro de pouco tempo existam milhares de transexuais dentro das universidades e nas telas.

²⁸ Idem

5.1 Entrevista

A entrevistada aqui é uma mulher negra, transexual de 38 anos com ensino fundamental completo. De todas, ela foi a que menos falou. Acredito que, por não nos conhecermos previamente, ela não quis se expor. Ela contou que conheceu todos os objetos a partir da observação das mulheres de sua família, mas apenas observação mesmo, ela não teve aulas e incentivos como as mulheres cisgênero. Ela não comentou nada sobre ser proibido, mas, de novo, acredito que ela não estava confortável e que não comentaria nada do tipo, mas ela falou sobre como se sentia mais confiante e poderosa com o batom, o que é interessante, pois todas as mulheres negras entrevistadas disseram isso, mas nem todas as brancas. Alice, inclusive, não se sentia confortável no início com esta maquiagem.

5.2 Considerações

Infelizmente esse capítulo é pequeno por falta de dados e de teoria. Além disso, encontrar mulheres negras trans vivas foi bastante complicado. Diversas amigas e conhecidas transexuais com quem entrei em contato para buscar indicações me comentaram de amigas e conhecidas suas que eram negras e trans, mas que já haviam falecido. Entendo que esta violência toda seja parte dos motivos pelos quais Vânia não se sentiu confortável para contar mais de si ao falar comigo.

Esta falta de dados reflete o silêncio que existe em relação a este grupo. O silêncio dos órgãos públicos e de toda nossa sociedade em relação à violência brutal e ao genocídio que a população negra trans (que é duplamente marcada) sofre. “Perdi a conta de quantas amigas eu enterrei”. (MARILAC, Luisa, mulher trans ativista)²⁹.

²⁹ Acesso em 15/11/2016, disponível em <https://dialogopoliticos.wordpress.com/2013/08/30/luisa-marilac-sobre-travestis-perdi-a-conta-de-quantas-amigas-eu-enterrei/>

6 Conclusão

Acredito que ficou bastante marcado que há uma diferença entre os grupos. A questão étnica e a de identidade de gênero influenciam, sim, nas percepções das mulheres sobre os objetos propostos nesta pesquisa, afinal, as relações sociais instituídas tem as raízes de seus preconceitos no capitalismo, no racismo e no patriarcado (BRAH, 2006) Enquanto para as mulheres trans e para as mulheres negras o uso do salto e da maquiagem, por vezes, representou um empoderamento, as mulheres brancas cisgênero apenas se sentiram oprimidas. A mulher branca cis está o tempo todo representada na mídia, porém de forma distorcida, não lhes falta representação de etnia ou identidade, lhes faltam corpos reais; lhes falta uma moda que não seja restritiva e opressiva, objetos que sejam funcionais (ao invés de doloridos). A mulher negra e a mulher trans não existem para a mídia, sua beleza é negada. Suas identidades são negadas. "É revolucionário pra qualquer pessoa trans escolher ser vista e visível num mundo que nos diz que não deveríamos existir." (COX, Laverne , para a Rolling Stones)³⁰, pois, como se construir enquanto sujeito uma vez que aquilo que se é apagado de todos os veículos ou propagam e constroem a cultura *mainstream*? Como aceitar seu próprio corpo, seu cabelo, seus traços, quando nada disso aparece em lugar algum? Até se pode achar em *sites* específicos, como alguns *tumblr*s ou páginas no *Facebook*, mas a propaganda pelos principais veículos não abrange pessoas negras e/ou pessoas transexuais. Ao pesquisar “mulher” no Google, no dia 29/11/2016, só apareceram mulheres brancas com traços delicados e quase todas com cabelo liso e loiro. Um grande número delas estava em poses sexualizantes, com maquiagem e todas estavam depiladas. O mesmo ocorre ao se procurar “mulheres” no Google. Ao usar o mecanismo de busca “duckduckgo” apareceram apenas mulheres brancas e as outras buscas relacionadas foram “mulher melancia, mulheres transando com cavalo, mulheres apaixonadas, mulher portuguesa, mulheres gostosas adolescentes, mulheres lindas, mulher solteira, mulheres tvi”. Mulher para grande mídia é isso. É branca, é cisgênero. É um produto artificial e sexual. A mulher branca só existe em oposição à mulher negra (BRAH, 2006). Este estereótipo é capaz de oprimir todas as mulheres.

³⁰ Consultado em 8/1/2017, acesso em <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/laverne-cox-fala-de-como-chegou-ao-posto-de-um-dos-maiores-icone-trans-da-cultura-pop/#imagem0>.

Tanto as que aparecem, quanto as que não aparecem. As que aparecem, devido à grande manipulação de sua imagem e a mercantilização de seu corpo. As que não aparecem, devido à invisibilidade. E além da invisibilidade, há o ridículo e o deboche. Ao escrever “mulher” no Google ele sugere que se pesquise por “mulherada”. Pela primeira vez apareceu uma mulher negra nas primeiras imagens, mas foi em um tom bastante pejorativo. A mulher negra só aparece pra ser ridicularizada. As identidades, tanto negra, quanto trans, vêm associadas deste descrédito em nossa sociedade racista e transfóbica.



E no meio de toda essa violência simbólica, financeira e física (como os dados dos outros capítulos deixaram evidente), todas nós só queríamos existir. Olhamo-nos no espelho e nos sentirmos existindo como somos. Sentirmos-nos completas, e não

esse monte de falhas e imperfeições. Queremos existir com nossas estrias, bundas flácidas, seios caídos, pés descalços, pernas não depiladas lábios grossos, peles negras. Queremos existir como mulheres, tenhamos pênis ou vagina. Mas entre a piada, a violência, a sexualização e a mercantilização, só nos sentimos sufocadas e insuficientes, sonhando que se talvez comprarmos este ou aquele produto, quem sabe possamos ser completas. Talvez possamos existir e não nos odiar na frente do espelho... não ter disforia, não odiar os próprios traços, peso, cor. A naturalidade nos é negada por todas estas empresas que querem nos vender. E eles nos vendem. Vendem-nos a ideia de que não somos o suficiente. E nós, seres por vezes impotentes diante deste “*cistema*” racista e misógino, compramos. Compramos as ideias e os produtos (quando podemos) porque só queríamos existir... e esquecemos (pois esta sempre foi a idéia deste mercado) que já existimos e já somos completas. Mesmo sem maquiagem, mesmo com pênis, mesmo crespas. Mesmo nuas sem nenhum “retoque” ou photoshop. Porque a espinha só se torna imperfeição pra vender base, demaquilante e adstringente. Não há nada de imperfeito na espinha ou em nossos corpos e cores.

Além das diferentes formas de percepção, houve diferença na forma de conhecer os objetos. Todas as mulheres cisgênero aqui foram apresentadas aos objetos por suas mães e/ou avós e tiveram alguma iniciação neles. Desde companhia para ir a lojas comprar, até demonstrações e incentivos. As mulheres transexuais tiveram seus primeiros contatos por causa de suas mães também, mas a partir da observação. Nunca tiveram uma experiência de suas mães lhes comprando e lhes apresentando estes objetos, ou irmãs que as maquiassem (como acontece com frequência com as mulheres cis). Por conta deste fenômeno, as mulheres trans começaram a utilizar estes objetos bem mais tarde em suas vidas. Todas as mulheres cisgênero tiveram uma iniciação ainda com a maquiagem na infância. Ana Flor foi uma das únicas a lembrar de uma idade específica e relatou que a primeira vez que usou maquiagem foi por imposição da escola de ballet aos 3 anos. Cândida fala que sua avó (que era quem lhe instruía) foi quem lhe deu seu primeiro conjunto de maquiagem mais sério, mas ela também fala que sua avó morreu quando ela tinha apenas 10 anos, o que mostra que seu primeiro kit foi anterior a essa idade. Esta iniciação precoce, forçada e impositiva nos mostra a força e violência da cultura hegemônica atual pra com as mulheres cisgênero.

Ao entrevistar as mulheres transexuais, bem como as mulheres negras, os mesmos objetos foram significados de formas bastante diferentes. Algumas das mulheres negras têm encontrado formas de se afirmarem e se sentirem bonitas (coisa que algumas chegaram a pensar que não poderiam ser) por meio destes objetos. Já para as mulheres transexuais, usá-los foi uma rebelião ao sistema como está posto, toda relação se torna diferente. Não houve aí uma imposição desde a infância, mas uma proibição. Enquanto as mulheres têm sua naturalidade negada, aos homens não é permitido fazer mudanças. Nina (mulher branca transexual), ao falar sobre a primeira vez que se depilou, falou de uma forma positiva e com felicidade, pois nunca antes ela havia podido decidir sobre seus pelos. Sobre tirá-lo ou mantê-los. Manter era um imperativo e sua única opção. Assim como para as mulheres cis, tira-los é o imperativo e a única opção. A libertação se dá justamente em romper com o que nos é imposto, por isso é tão difícil de universalizar o que é opressor ou o que é libertador. Tudo aqui depende do lugar de onde a pessoa fala. A entrevistada Cândida, que é uma mulher negra cis, exemplificou bem esse pensamento: “Eu acho que as pessoas resignificam as coisas, sabe? E, se tu depende muito dos marcadores delas e tal, das vivências. Então eu acho que existe essa redefinição das coisas assim. Vai muito de cada um.”

Somos seres diversos com histórias diversas e temos muitos recortes possíveis dentro dos mesmos grupos. Não se é apenas mulher. É-se mulher, bissexual, branca, cisgênero, de classe média... pertencemos simultaneamente a diversos grupos e isso complexifica como entendemos o mundo e, por consequência, como nos relacionamos entre nós e com tudo que está ao nosso redor. E todas essas opressões causadas nos tornaram e tornam mais resilientes de uma forma ou de outra, como coloca Davies, sobre o caso das mulheres negras:

(...) acumuladas de todas essas mulheres que trabalharam duramente debaixo do chicote dos seus donos, trabalharam, protegeram as suas famílias, lutaram contra a escravatura, e foram batidas e violadas, mas nunca dominadas. Foram essas mulheres que passaram para as suas descendentes nominalmente livres um legado de trabalho pesado, perseverança e auto resiliência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – resumindo, um

legado que fala das bases de uma nova natureza feminina.
(Davies, 1982, página 29).

Davis, em seu livro “gênero, raça e classe” escreve sobre como as mulheres negras escravizadas resistiram. Mesmo as que nasceram nesta situação. Sempre houve e sempre haverá resistência por parte dos grupos oprimidos.

A mulher do terceiro mundo se revolta: Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios” Gloria (Anzaldúa, 2000, p. 231)

7 BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADELMAN, Miriam. *Paradoxos da identidade: a política da orientação sexual no século XX* *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 14: p. 163-171, jun. 2000 em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a09n14.pdf> >

ANZLADUA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Ano 8, 1º SEMESTRE 2000. em <http://journal.ufsc.br/index.php/ref/article/download/9880/9106>

ARAÚJO, Maria Clara. *Mulher trans negra e feminismo*. Maio 22, 2015. Consultado em 8 de janeiro de 2017, aceso em <http://blogueirasnegras.org/2015/05/22/mulher-trans-negra-e-feminismo/>>

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Rev. Estud. Fem. vol.21 no.2 Florianópolis May/Aug. 2013*

BECKER, Howard S]. *Outsiders*. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORIS, George; CESÍDIO, Mirella. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.* v.7 n.2 Fortaleza set. 2007. Em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, 26, 329-376. 2006.

BUTLER. J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONKA, Carol. A gente é mais feliz quando se aceita. *Estadão*. São Paulo. Entrevista concedida à Anna Rombino. Consultado dia 21 de novembro de 2016, aceso em <<http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-beleza,a-gente-e-mais-feliz-quando-se-aceita-diz-rapper-karol-conka,10000073777>>

COX, Laverne. *Laverne Cox fala de como chegou ao posto de um dos maiores ícones trans da cultura pop*. 8 de Julho de 2015. *Rollingstone*. Entrevista concedida a Mac McClelland. Consultado em 8/1/2017, acesso em <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/laverne-cox-fala-de-como-chegou-ao-posto-de-um-dos-maiores-icone-trans-da-cultura-pop/#imagem0>>

DAVIS, Angela. *Gênero, raça e classe*. Rio de Janeiro: Bontempo, 2016.

Folha de São Paulo. *Famosas com celulites*: Veja imagens de famosas com celulite. São Paulo, 10 de janeiro de 2012 Consultado em 12/11/2016 acesso em <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/6050-famosas-com-celulites>>

GLEIDE, Davis. *A solidão da mulher negra*. Acesso em 22 de dezembro de 2016. Disponível em <<https://feminismosemdemagogia.wordpress.com/2015/05/29/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>>

GRIM, Raissa. *O conceito de cisgeneridade e o transfeminismo*. Consultado em 13/11/2016. Porto Alegre, 8 de jan. 2017. Disponível em <<http://bloqueirasfeministas.com/tag/transfeminismo/>>

G1. *Travesti que se envolveu em polêmica com Ronaldo morre em SP*. 09/07/09. G1. São Paulo. Consultado em 20/11/2016, acesso em <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1224961-5605,00-TRAVESTI+QUE+SE+ENVOLVEU+EM+POLEMICA+COM+RONALDO+MORRE+EM+SP.html>>

JAQUE, Negra. *Tenho que me manter forte e seguir, mesmo com as feridas abertas das coisas que passo*. Porto Alegre, 26 de agosto de 2015. Entrevista concedida a Holman. Consultado em 13 de novembro de 2016. Disponível em <<http://www.malokaskate.com.br/negra-jaque/>>

KIMMEL, Michael S. 1998 “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. *Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out.

LORDE, Audre. Uma ladainha pela sobrevivência. *The First Cities*, 1968. Disponível em <<http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2013/01/audre-lorde.html>>

LUCON, Neto. *Pessoas intersexuais revelam vivências, bandeiras e denunciam mutilação genital em bebês*. 9 de novembro de 2016. Consultado em 20/11/2016, acesso em <<http://www.nlucon.com/2016/10/pessoas-intersexuais-revelam-vivencias.html>>

LUNES *et al.* A influência postural do salto alto em mulheres adultas: análise por biofotogrametria computadorizada. *Rev. bras. fisioter.* vol.12 no.6 São Carlos Nov./Dec. 2008 Epub Nov 30, 2008.

MARILAC, Luisa. *Luisa Marilac fala de amigas mortas em fotos*. Acesso em 15 de novembro de 2016. Publicado em 11 de mai de 2015. Acesso em 8, jan. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=U7cyngfNftY>>

MARX, Karl. *O Capital* - vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2000, vol.8 (2)

ONU. *Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução*. 09 de maio de 2016. Consultado em 15/11/2016, acesso em <<https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>

Portal Brasil. *Violência contra a mulher é doença social e vivemos uma epidemia*. 26/10/2015. Consultado em 15/11/2016, acesso em disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/violencia-contra-a-mulher-e-doenca-social-e-vivemos-uma-epidemia-diz-secretaria>>

RIBEIRO DE ALMEIDA, Maurício. As faces da bissexualidade na sociedade contemporânea. *Universitári@ - Revista Científica do Unisalesiano*. Lins (SP), ano 5., n.10, jan/jun de 2014 <http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no10/artigo23.pdf>

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*, Vol. 5, No. 4, Women: Sex and Sexuality, 1980.

RODRIGUES, Samara; CANIATO, Angela. Subjetividade e industria cultural: una lectura psicoanalítica de la complicidad de los individuos con la lógica de la mercancía. *Psicol. rev.* vol.18 no.2 Belo Horizonte ago. 2012

ROSSI, Marina. Mais brasileiros se declaram negros e pardos e reduzem número de brancos: desde 2007 IBGE constata que população branca cai e hoje representa 45,5% do país. *El País*. São Paulo, 16 nov. 2015. Consultado dia 10/11 acesso em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html>

ROVERI, Soares. Meninas! Sejam educadas por Barbie e “com” a Barbie. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 147-163, jul./set. 2011. Editora UFPR

Secretaria de Política para Mulheres. *Violência contra mulher é combatida com denúncia*. 20 de junho de 2014. Consultado em 15/11/2016, acesso em

<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/06/violencia-contra-a-mulher-e-combatida-com-disque-denuncia-e-campanhas>>

SIRENA. *O Homem Operado*. 2013. Consultado em 20/11/2016, acesso em <http://www.feministacansada.com/post/40248740172>>

SPIVAK, Gayatri C. *Can the subaltern speak*, 1985. em <
http://abahlali.org/files/Can_the_subaltern_speak.pdf acesso 11 de novembro de 2016.
no periódico Wedge

THORNE, Brendon. Kate Bosworth é vista sem maquiagem em público!. *E!*. 2016. Consultado em 12/11/2016 acesso em <<http://br.eonline.com/enews/kate-bosworthevista-sem-maquiagem-em-pablico/>>

ZERO HORA. Mulher negra ganha menos de 40% do que homem branco no Brasil: Pesquisa Mulheres e Trabalho, divulgada nesta sexta-feira, avaliou inserção da mulher no mercado na última década. *Zero Hora*. Porto Alegre 11 de março de 2016. Consultado em 20/11/2016, acesso em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/03/mulher-negra-ganha-menos-de-40-do-que-homem-branco-no-brasil-5083605.html>>